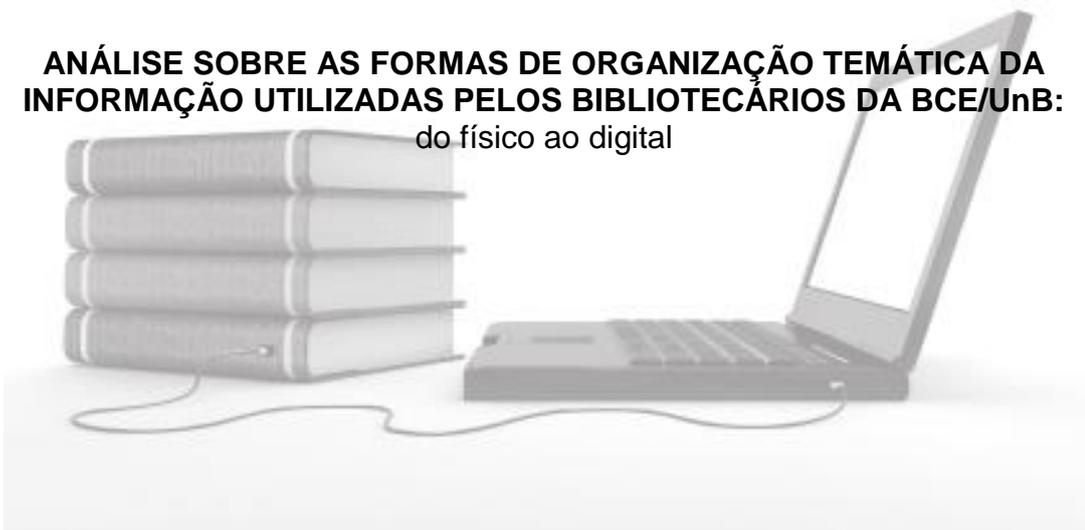




UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

FERNANDA MACIEL RUFINO

**ANÁLISE SOBRE AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA DA
INFORMAÇÃO UTILIZADAS PELOS BIBLIOTECÁRIOS DA BCE/UnB:**
do físico ao digital



BRASÍLIA - DF
2014

FERNANDA MACIEL RUFINO

**ANÁLISE SOBRE AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA DA
INFORMAÇÃO UTILIZADAS PELOS BIBLIOTECÁRIOS DA BCE/UnB:**
do físico ao digital

Monografia apresentada como pré-requisito para
obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia,
pela Faculdade de Ciência da Informação (FCI), da
Universidade de Brasília (UnB).

Orientador: Professor Mestre Márcio Bezerra da Silva

BRASÍLIA - DF
2014

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

R926a Rufino, Fernanda Maciel

Análise sobre as formas de organização temática da informação utilizadas pelos bibliotecários da BCE/UnB / Fernanda Maciel Rufino. 2014.

82f. : il.

Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação (FCI), 2014.

Orientador: Prof. Me. Márcio Bezerra da Silva

1. ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO. 2. BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA. 3. TAXONOMIA. 4. FOLKSONOMIA. I. Título.

CDU 025.4:004

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: Análise sobre as formas de organização temática da informação utilizada pelos bibliotecários da BCE/UnB: do físico ao digital.

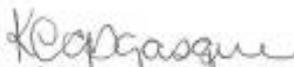
Aluna: Fernanda Maciel Rufino

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 19 de agosto de 2014.



Márcio Bezerra da Silva - Orientador
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Mestre em Ciência da Informação



Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação



Raphael da Silva Cavalcante - Membro
Bibliotecário da Câmara dos Deputados
Mestre em Ciência da Informação

Dedico:

A minha mãe *Núbia Mendonça Maciel Rufino* que muito esforçou-se para eu chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me fornecido a vida, o alimento e nunca ter deixado faltar o básico para eu prosseguir o meu caminho.

Agradeço também ao professor Márcio Bezerra da Silva pela dedicação, paciência e oportunidades oferecidas em diversos trabalhos. A sua presença foi fundamental para me possibilitar uma graduação diferenciada.

Foi de muita importância os grandes amigos que fiz ao longo desses quatro anos, entre eles Jaqueline Rodrigues, Inês Duarte, Priscila Rodrigues, Fernanda Diogo, Daniel Rodrigues e Helio Delfino. Cada um de vocês foram muito especiais, seja em uma disciplina, seja para um sorriso, para desabafar, para brincar. Enfim, sou muito grata por ter conhecido cada um de vocês.

Aqui não poderia faltar a minha gratidão a minha mãe, meu pai, meus irmãos e ao meu namorado. Obrigado por serem meu porto seguro e por sempre me ampararem nos momentos que eu preciso e precisei.

Obrigado a todos!

*“Com organização e tempo, acha-se o
segredo de fazer tudo e bem feito”.*
Pitágoras

RESUMO

Discute as formas de organização temática da informação utilizadas pelos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB), no ambiente físico e digital. Fundamenta o trabalho a partir de uma realização de literatura constituída pela organização do conhecimento e da informação, sistemas de organização do conhecimento (SOC) e biblioteca universitária. Objetiva-se, a partir de uma pesquisa bibliográfica e explicativa, de caráter quantitativo e qualitativo, analisar o conhecimento e uso dos sistemas de organização da informação pelos bibliotecários da BCE/UnB. Apresenta como resultados da pesquisa a Classificação Decimal Universal (CDU) a taxonomia como as formas de organização mais utilizadas pelos bibliotecários da BCE/UnB em suas atividades profissionais, formas de organização flexíveis apenas em atividades pessoais, a maioria dos entrevistados alegou pouco conhecimento sobre a taxonomia e folksonomia, alguns entrevistados assemelharam o seu ambiente de trabalho com a forma de organização da *Web* 1.0 enquanto outros afirmaram ser uma tendência cada vez maior o uso de ferramentas da *Web* 2.0 pelas bibliotecas, inspirados nas livrarias no *e-commerce*, redes sociais, *blogs* e *Wikipédia*, com fins de aproveitamento da inteligência coletiva. Conclui-se que a BCE/UnB utiliza formas já consagradas para ordenar seus materiais, como a CDU e a taxonomia, porém acreditamos que seria viável a adoção da folksonomia como auxílio das demais formas de organização já implementadas.

Palavras-chave: Organização Temática da Informação. Sistemas de Organização do Conhecimento. Taxonomia. Folksonomia. Biblioteca Universitária.

ABSTRACT

Discusses ways of organizing thematic information used by librarians of the Central Library of the University of Brasília (CL/UnB), in physical and digital ambients. Support to this work from a realization of the literature consists of the organization of knowledge and information, organizational knowledge systems (OKS) and university library. Objective is, from a bibliographical and explanatory research, quantitative and qualitative, to analyze the knowledge and use of systems for organizing information by librarians CL/UnB. Presents search results as the Universal Decimal Classification (UDC) taxonomy as the organizational forms most used by librarians CL/UnB in their professional activities, flexible forms of organization only in personal activities, the majority of respondents claimed little knowledge about the taxonomy and folksonomy, some respondents resembled your desktop with the form of organization of Web 1.0 while others said it was a growing trend to use Web 2.0 tools by libraries, bookstores inspired in e-commerce, social networking, blogs and Wikipedia, with the purpose of harnessing collective intelligence. We conclude that the ECB / UNB uses already established ways to order your materials, as the CDU and the taxonomy, but we believe it would be feasible the adoption of folksonomy as aid from other forms of organization already implemented.

Keywords: Thematic Information Organization. Systems of Knowledge Organization. Taxonomy. Folksonomy. University Library.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Classificação Aristotélica	25
Figura 2	Árvore de Porfírio	26
Figura 3	Classificação dos seres vivos	41
Figura 4	Flexibilidade: uso de <i>hashtags</i> (#)	45
Figura 5	Identificação de padrões	46
Figura 6	Colaboração social na <i>Wikipédia</i>	47
Figura 7	Exemplos de <i>hashtags</i> (#) criadas de forma anárquica	48

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1	Classes principais da <i>ColonClassification</i>	37
Tabela 1	Cargo	60
Tabela 2	Setor de trabalho	61
Tabela 3	Tempo no cargo	61
Tabela 4	Formas de organização em atividades pessoais	62
Tabela 5	Formas de organização em atividades profissionais	63
Tabela 6	Conhecimento sobre a taxonomia	63
Tabela 7	Conhecimento sobre a folksonomia	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACR2	<i>Anglo American Cataloguing Rules second edition</i>
BCE	Biblioteca Central da Universidade de Brasília
BDM	Biblioteca Digital de Monografias
BDS	Biblioteca Digital e Sonora
BN	Biblioteca Nacional
CC	<i>Colon Classification</i>
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CI	Ciência da Informação
DF	Distrito Federal
DOC	Documento
EAD	Ensino a Distância
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
GID	Gerenciamento da Informação Digital
HTML	<i>Hyper Text Markup Language</i>
HUB	Hospital Universitário de Brasília
IBICT	Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia
LD	Linguagens Documentárias
MP3	<i>Moving Picture Experts</i>
PDF	<i>Portable Document Format</i>
RC	Representação do Conhecimento
RICI	Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação
RIUnB	Repositório Institucional
RODA	Repositório de Objetos Digitais de Aprendizagem
SEER	Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas
SOAC	Sistema de Acompanhamento de Conferências
SOC	Sistemas de Organização do Conhecimento
UnB	Universidade de Brasília
UP	Usado Por
USE	Use
TE	Termo Específico
TG	Termo Genérico
TI	Tecnologias da Informação
TR	Termo Relacionado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 JUSTIFICATIVA.....	15
2 OBJETIVOS	17
2.1 GERAL.....	17
2.2 ESPECÍFICOS.....	17
3 REVISÃO DE LITERATURA	18
3.1 ORGANIZAÇÃO: do conhecimento e da informação.....	18
3.1.1 Classificação: do físico ao digital.....	23
3.2 SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO (SOC): abordagem atual para as linguagens documentárias (LD).....	27
3.2.1 Lista de termos	29
3.2.2 Classificação e categoria	30
3.2.2.1 Taxonomia: estrutura <i>top-down</i>	40
3.2.2.2 Folksonomia: estrutura <i>bottom-up</i>	43
3.2.3 Listas de relacionamentos	49
3.3 BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA.....	51
4 METODOLOGIA	54
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	54
4.2 AMBIENTE DE PESQUISA: BCE/UnB.....	56
4.2.1 Setores da BCE/UnB: processamento técnico e GID.....	57
5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS CELOTADOS	60
5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS PESQUISADOS.....	60
5.2 RELAÇÃO DOS PESQUISADOS COM A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO.....	61
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICE	79

1 INTRODUÇÃO

Por meio dos registros sobre a história da humanidade, sabemos que ela já sofreu e ainda está exposta a diversas mudanças, sendo parte dela intimamente ligada aos recentes adventos tecnológicos. A Internet e sua *World Wide Web* (WWW) se encaixa no presente contexto enquanto uma das responsáveis por tais mudanças na vida do ser humano, principalmente na forma em que a informação é acessada, armazenada e disponibilizada conforme as mudanças e/ou evoluções das fases da WWW.

Passando por um período onde houve pouca produção documental, de acesso restrito aos monges e pessoas com poder, depois pela invenção da imprensa de Gutemberg, em seguida pelas inovações oriundas da Segunda Guerra Mundial, até aos recentes adventos da Tecnologias da Informação (TI), subsídios foram sendo adotados para a constituição da chamada Sociedade da Informação. Conforme Dziekaniak e Rover (2011, p. 2), “foi em 1990, que o termo Sociedade da Informação aparece no bojo do desenvolvimento da Internet e das tecnologias da informação e comunicação”. Para Blattman e Silva (2007, p. 191), “uma organização social denominada Sociedade da Informação coloca a internet como um ambiente para acessarmos, obtermos, organizarmos e usarmos dados e informações”.

As ações de produção e disseminação tornam-se deflagradas, apresentando um panorama de valorização da informação e alterando o comportamento do homem, agora visto como usuário do ambiente digital, como podemos observar nas diferentes fases da *Web*. Na primeira fase da *Web*, intitulada de *Web 1.0*, criada em 2001, as informações eram sobretudo estáticas, voltadas somente para a disponibilização da informação em si, sem possibilidades de interação e edição na forma como conhecemos e fazemos atualmente. Em outras palavras, a *Web 1.0* foi a primeira geração da Internet numa perspectiva mais comercial, a partir de uma estrutura *top-down* (de cima para baixo), onde as informações partem dos proprietários dos sites e os usuários apenas fazem uso, sem alterar os conteúdos apresentados. Com isso podemos comparar os usuários a clientes, consumistas de serviços, aos quais, diferentemente dos tempos atuais, a maioria consistia em ferramentas pagas.

Na fase denominada 2.0, termo criado em 2004 pela empresa norte-americana *O’Reilly Media*, podemos perceber mudanças na proposta das ferramentas e consequente alteração no comportamento/pensamento dos usuários. Chegamos em

um momento de uma internet interativa, “onde o objetivo é desenvolver aplicativos que aproveitem a inteligência coletiva em rede” (O’REILLY, 2005, p. 2). Ainda segundo o autor, quanto mais pessoas utilizam o ambiente, melhor ele será.

A *Web 2.0* é caracterizada como *bottom-up* (de baixo para cima), pois, ao contrário da fase anterior, os usuários deixam de ser simples leitores e passam a ser autores/construtores/formadores de informação, como ocorre na inserção de *tags* (palavras-chave) pelos mesmos em sites das redes sociais digitais, por exemplo. Assim observamos diferenças nas fases supracitadas, principalmente no que se refere a participação do usuário no ambiente. Para Cormode e Krishnamurthy (2008), existem distinções óbvias entre sites da *Web 1.0* em comparação com a atual, especialmente quando citamos ambientes populares como *Facebook*¹ e *YouTube*², diferenciações “[...] visíveis em três vertentes: tecnológica (forma de representar, funcionamento do site e interação do usuário), estruturais (propósito e layout do site) e sociológica (noções de grupos)” (RUFINO; JESUS; DA SILVA, 2013, p. 2).

A segunda geração da *Web* foi cunhada em 2004 por Tim O’Reilly e Dale Dougherty, ambos da empresa *O’Reilly Media*³, editora que atua na área de informática e define a fase em discussão da seguinte forma:

[...] a web 2.0 é considerada a segunda geração da web e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os envolvidos nesse processo. (ARAUJO, 2013, p. 164)

Conforme as fases da *Web* anteriormente citadas, este trabalho abordará a taxonomia (*Web 1.0*) e a folksonomia (*Web 2.0*), consideradas por autores como as principais formas de representação e organização de conteúdo na *Web*. Para O’Reilly (2005), a taxonomia se caracteriza conforme a *Web 1.0*, enquanto a folksonomia se encaixa no contexto de colaboração da *Web 2.0*. Para Brandt e Brascher (2010), na taxonomia os objetivos informacionais são classificados somente quando os mesmos já existem, enquanto a folksonomia é gerada de forma inversa, ou seja, primeiro se classificam os objetivos informacionais e posteriormente surgem as *tags*, representadas na *tagcloud*. As *tags* ou etiquetas, no ambiente 2.0, são termos

¹ Site: <https://www.facebook.com/>

² Site: <https://www.youtube.com/>

³ Site: <http://www.oreilly.com/>

(palavras-chave, descritores, rótulos) inseridos pelo próprio usuário no ambiente, com a finalidade de representar e organizar o conteúdo informacional, geralmente de forma livre. Já a *tagcloud* ou nuvem de *tags* é o local onde estão disponíveis as etiquetas, comumente posicionado na parte inferior de sites, por exemplo.

As fases supracitadas devem ser estudadas a partir da presente pretensão em analisar a utilização e o conhecimento dos profissionais, neste caso bibliotecários, sobre as formas de organização temática da informação na *Web*, relacionadas as suas atividades pessoais e as que ocorrem no ambiente de trabalho da biblioteca universitária, área escolhida para pesquisa por considerarmos a Universidade como, geralmente, pioneira no estudo de novos recursos, assim como novos meios de organizar a informação por ela produzida e disponibilizada.

Diante do contexto apresentado, este trabalho estrutura-se da seguinte maneira: no capítulo 1 o tema é contextualizado e apresentam-se as justificativas; no capítulo 2 encontram-se os objetivos gerais e específicos; no capítulo 3 encontra-se a revisão de literatura, ou seja, o levantamento acerca da visão dos principais autores da área sobre a organização temática da informação; no capítulo 4 delimita-se a metodologia do presente estudo; no capítulo 5 são analisados os dados coletados quanto ao uso de modelos de organização temática da informação pelos bibliotecários da BCE/UnB; e o último capítulo, reflete-se as considerações finais deste estudo.

1.1 JUSTIFICATIVA

O contexto apresentado reflete o interesse em realizar a presente pesquisa proporcional a um percurso discursivo iniciado na *Web* 1.0 até a fase 2.0 (atual). No cerne desse debate está a organização da informação, tendo como base estruturas de classificação criados para ambientes físicos, como o sistema de Classificação Decimal Universal (CDU), até modelos adotados em espaços digitais, a saber, taxonomia e folksonomia.

Devido à recente explosão informacional, identificamos que os métodos aos quais vêm sendo utilizados para organizar o conteúdo na *Web*, por exemplo, podem ser aperfeiçoados conforme objetivos dos sistemas e necessidades dos usuários. A questão não deve ser resumida apenas pela adoção do sistema sem analisar a gama de informações disponíveis e se o ambiente, que a oferecerá, é um espaço de fácil manuseio, organizado e de recuperação satisfatória.

O vislumbre sobre a possibilidade e/ou dificuldade no uso de sistemas considerados físicos em ambientes digitais, como também a atual constituição dos sites a partir de taxonomias e folksonomias, nos chamou atenção a partir de discussões ocorridas na disciplina Redes de Informação e Transferência de Dados (semestre 1/2013), do curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB). O presente interesse acentua-se sobre o interesse em estudar as formas de organização da informação, na vertente temática, adotadas na Biblioteca Central (BCE) da UnB. Neste sentido, em uma perspectiva de contribuição para futuras confecções/adoções de produtos e serviços na BCE, conforme as atuais necessidades de informação e perfis dos usuários, almejamos realizar uma pesquisa junto aos bibliotecários dos setores de processamento técnico e do gerenciamento da informação digital (GID) quanto ao conhecimento e uso de sistemas de organização da informação em suas atividades, tanto pessoais, quanto profissionais. Sendo assim, algumas questões surgiram, representando as problematizações de pesquisa: *Quais são as formas de organização temática da informação utilizadas pelos bibliotecários da BCE da UnB? Os bibliotecários possuem conhecimento sobre taxonomia e folksonomia? Em ambientes digitais, quais são as formas de organização utilizadas pelos bibliotecários? Qual é a predileção relacionada a forma de organização da informação em ambientes digitais pelos bibliotecários? O que a folksonomia representaria nos ambientes digitais da BCE?*

2 OBJETIVOS

Os objetivos de um trabalho são etapas pré-determinadas que o autor pretende atingir/solucionar determinados problemas. Para Oliveira (2001), os objetivos são relacionados a três pontos do trabalho: análise, estudo e pesquisa de um determinado fenômeno.

2.1 GERAL

- Analisar o conhecimento e uso dos sistemas de organização da informação pelos bibliotecários da BCE/UnB.

2.2 ESPECÍFICOS

- Elencar os modelos de organização da informação, no âmbito físico, usados pelos bibliotecários;
- Verificar as formas de organização da informação utilizadas pelos bibliotecários no ambiente digital;
- Apresentar a predileção no uso de modelos de organização da informação em ambientes digitais pelos bibliotecários;
- Apresentar recomendações a serem implementadas nos serviços e produtos da BCE quanto aos modelos de organização da informação, conforme a ótica dos bibliotecários.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta fase do trabalho iniciamos a fundamentação teórica. Segundo o autor Brenner (2007) a presente etapa da pesquisa pode ser denominada também como revisão bibliográfica ou fundamentação teórica, uma seção teórica que possui como finalidade fundamentar os estudos. Para Oliveira (2001), esta etapa consiste no levantamento da literatura relevante, abordando discussão sobre as ideias, fundamentos, problemas e sugestões.

Na busca da resolução do nosso problema de pesquisa, a revisão de literatura discutirá, conforme a categorização de Hodge (2000) a Organização do Conhecimento e da Informação, somada as perspectivas física e digital, Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) e Biblioteca Universitária.

3.1 ORGANIZAÇÃO: do conhecimento e da informação

Para que ocorra qualquer organização, independentemente do objeto, o primeiro passo adotado pelo ser humano é nomeá-lo para identificação. Estabelecidas as devidas identificações, reunimos ou separamos por características os objetos, por meio da autoria, cores, temas, tempo de uso entre outros. O termo organizar foi definido pelo dicionário Larousse (2008, p. 574) da seguinte maneira: “1. Pôr em ordem, arrumar. 2. Dispor para funcionar. 3. Constituir em organismo. 4. Preparar. Tomar forma regular; constituir-se, formar-se”.

O ato de organizar deixou de ser uma prática pessoal, característico de tempos antigos, para se tornar um campo de estudo científico da Biblioteconomia, especialmente ao se relacionar com as ações de representação, recuperação e disseminação da informação. Para que a ação em discussão aconteça, ocorre o momento da classificação, “processo de reunir coisas, ideias ou seres, em grupos, de acordo com o seu grau de semelhança” (SOUZA, 2012, p. 11). A definição do autor corrobora com definições da Biblioteconomia, área que apresenta como função maior a organização da informação com fins de disseminação, esteja ela presente em catálogos, bases de dados, bibliotecas digitais, redes sociais entre outras. A partir dessa visão, Cunha e Cavalcanti (2008, p. 55) definem Biblioteconomia como uma área de “conhecimento e prática da organização de documentos em bibliotecas, tendo por finalidade sua utilização”.

Ainda no campo da biblioteconomia, a organização pode ser vista em duas vertentes: conhecimento e informação. O conhecimento, idéia referente a determinado assunto, é algo que está intrínseco ao ser humano. A partir de outras experiências ou aprendizado, torna-se possível a criação e/ou unificação de conhecimentos, o que possibilita um novo raciocínio. Entre conhecimento e informação, o ser humano, enquanto ser racional, armazena em sua memória percepções, sentimento definido pelo dicionário Larrousse (2008, p. 604) como: “1. Ato ou efeito de perceber pelos órgãos dos sentidos, 2. Ideia, compreensão de algo onde um objeto pode ser formado por uma ou mais percepções que irá ficar registrado na memória”.

A primeira vertente apresenta a organização do conhecimento, ação que tem por objetivo o tratamento temático da informação, ou seja a representação do conhecimento (RC), seja em bibliotecas tradicionais ou em ambientes virtuais. Conforme Brascher e Café (2008, p. 6), a organização do conhecimento “[...] tem por base a análise do conceito e de suas características para o estabelecimento da posição que cada conceito ocupa num determinado domínio, bem como suas relações como os demais conceitos”. Lima e Álvares (2012) complementam a discussão ao afirmarem que a partir do momento que são aplicados os elementos de organização do conhecimento em um ambiente, se tornará mais fácil o acesso e a recuperação da informação.

Linguística e filosofia são algumas das áreas utilizadas pela organização do conhecimento que estudam a mente humana, com a meta de melhorar modelos de representação para uso em sistemas especialistas. A resultante da interseção entre as diversas áreas na organização do conhecimento são os chamados SOC. Para Carlan e Brascher (2011), estes sistemas foram criados a partir da organização do conhecimento, e os caracterizam como ferramentas que apresentam a interpretação organizada e estruturada de um objeto. Miranda (2005) direciona os SOC para os processos de indexação, onde neles são identificados do que se tratam os documentos, para que os conteúdos sejam representados através de descritores/palavras-chave.

O processo citado por Miranda é definido por Lancaster (2004) como uma atividade que tem como função representar o conteúdo temático do documento e que possui como objetivo principal a sintetização de um assunto. O mesmo autor ainda afirma que ela constitui duas etapas, a análise conceitual e a tradução respectivamente. A primeira delinea o assunto do documento; já a segunda converte

o assunto em termos/descriptores. A indexação, também conhecida como representação temática da informação, nas palavras de Boccato (2011), deve ocorrer tanto no meio impresso ou eletrônico, bem como estar presente em todos os tipos de bibliotecas, sendo elas bibliotecas tradicionais, digitais ou virtuais. Entre as resultantes de um trabalho de indexação, citamos os tesouros e os cabeçalhos de assuntos, que por sua vez auxiliam em novos serviços de indexação, enquanto atividade cíclica e renovável, no controle de sinônimo, distinguem homógrafos, agrupam termos afins etc.

Podemos exemplificar como SOC utilizados em bibliotecas físicas a Classificação Decimal Dewey (CDD) e a CDU. Para Carlan (2010), ambas possuem como finalidade promover o acesso ao conteúdo representado por meio de uma notação. Ainda conforme a autora, estes esquemas de classificação “têm a função de organizar e localizar, nas estantes, um único item de uma coleção”. (CARLAN, 2010, p. 30)

Os SOC citados são chamados de sistemas de classificação bibliográfica, aos quais, segundo Carlan e Brascher (2011), são ferramentas que podem variar de estruturas simples até o multidimensional. Ambas as estruturas foram criadas para a organização de acervos físicos, porém a estrutura multidimensional vem sendo utilizada em ambientes digitais, como na *Web*, devido a sua forma flexível de realizar recortes, especificações e agrupamentos pelos mais variados pontos de vista. Neste modelo de estrutura específica, citamos a *Colon Classification* (CC) – Classificação de Dois Pontos – e seu sistema de classificação facetado, criado pelo indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan.

Ainda discutindo no olhar dos ambientes digitais, conforme autores citados na seção inicial, a taxonomia e a folksonomia são os sistemas mais utilizados, não descartando a *Web* 3.0, iniciada por volta de 2007, e sua semântica, gerando a *Web* semântica, a qual “dá às pessoas a capacidade de criarem repositórios de dados na *Web*, construir vocabulários e escreverem regras para interoperarem com esses dados” (W3C, 2011, seção *Web* semântica).

[...] desde seus primórdios o projeto *Web Semântica* foi concebido como um conjunto de tecnologias relacionadas, de modo que no ano de 2000 o *World Wide Web Consortium* (W3C), tendo como seu maior expoente Tim Berners-Lee, divulgou publicamente a primeira proposta de arquitetura da *Web Semântica*” (RAMALHO, VIDOTTI, FUJITA, 2007).

Complementando a discussão, Berners-Lee (1999), precursor da *Web* e da fase em discussão, afirma que para o funcionamento ideal desta nova geração, *Web* 3.0, os dados inseridos nos sistemas digitais deveriam ser compreendidos da forma mais próxima ao ser humano. O autor ainda afirma que “a Web Semântica é uma extensão da Web atual, onde a informação possui um significado claro e bem definido, possibilitando uma melhor interação entre computadores e pessoas” (BERNERS-LEE; HENDER; LASSILA, 2001, p. 2, tradução nossa). No ano 2000, pela W3C, a primeira proposta de arquitetura da *Web* semântica foi apresentada:

[...] base em uma série de camadas sobrepostas, onde cada camada ou tecnologia deveria obrigatoriamente ser complementar e compatível com as camadas inferiores, ao mesmo tempo em que não deveria depender das camadas superiores, possibilitando assim uma estrutura idealmente escalonável, que indicasse os passos e as tecnologias necessários para a concretização do projeto Web Semântica. (RAMALHO; VIDOTTI; FUJITA, 2007)

Todos os sistemas supracitados em ambientes digitais buscam solucionar e/ou minimizar a dificuldade que possuímos em encontrar uma determinada informação, especialmente na *Web*. Neste sentido, é notória a necessidade de realizar estudos sobre SOC para estes ambientes. Da Silva (2010, p. 38) complementa ao estabelecer que “existem problemas na organização da informação e do conhecimento devido à questão do excesso na quantidade e no fluxo de informação, especialmente no mundo virtual”. Autores como Berners-Lee, Hendler e Lassila (2001) afirmam que independente do Sistema de Recuperação da Informação (SRI) utilizado, é necessário utilizar um SOC que atenda às necessidades do usuário.

Os SOC oferecerem subsídios aos SRI na *Web*, comumente chamados de buscadores e/ou metabuscadores, tais como o *Google*⁴, o *Bing*⁵ e o *Yahoo*⁶. De toda a informação disponível atualmente na sociedade, grande parte está contida no citado ambiente devido ao fato de ser o segundo meio de comunicação mais utilizado no Brasil, atrás apenas da TV aberta, conforme a Pesquisa Brasileira de Mídia (2014). Foi um trabalho realizado pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) em parceria com a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da

⁴ Site: <https://www.google.com.br>

⁵ Site: <http://www.bing.com/>

⁶ Site: <https://br.yahoo.com/>

República (SECOM). Este panorama demonstra a necessidade de estudos quanto a aplicação, desenvolvimento e/ou adaptação de SOC apropriados, conforme o tipo de informação, ambiente e usuário. Podemos citar como exemplos do citado panorama a dissertação de mestrado do professor Márcio Bezerra da Silva (2011) e as teses de doutorado das professoras Gercina Ângela Borém de O. Lima (2004) e Maria Luíza de Almeida Campos (2001), adotando como alvo de estudo a CC, elaborada por Ranganathan.

Independente do ambiente, seja ele físico ou digital, os SOC resultam em informação organizada. Neste sentido, Benine e Zanaga (2009, p. 452) destacam que “observadas as características de criação, preservação, transmissão e aplicação do conhecimento, é pertinente investigar as relações existentes na organização da informação dos conteúdos informacionais”. A organização da informação, como informado anteriormente, é a segunda vertente de debate desta seção. Dias (2006, p. 67) define a organização da informação como a “função de descrever os documentos, tanto do ponto de vista físico (características físicas dos documentos) quanto do ponto de vista temático (ou descrição de conteúdo)”.

A Organização da Informação (OI) no domínio da Ciência da Informação pode ser compreendida como uma série de atividades processuais com a finalidade de descrever intelectualmente conteúdos documentais para serem representados nos sistemas de recuperação da informação. (AGUIAR; KOBASHI, 2013, p. 5)

Conforme afirma Alves (2009), a organização da informação, também realizada pelos profissionais da informação, procura ordenar os documentos com o intuito que eles se tornem disponíveis. A sua finalidade é alcançar a satisfação do usuário na recuperação de determinado documento. Por sua vez, Café e Sales (2010, p. 118) afirmam que “a organização da informação é um processo de arranjo de acervos tradicionais ou eletrônicos realizado por meio da descrição física e de conteúdo (assunto) de seus objetos informacionais”. As autoras relatam que como resultado da descrição obtemos a representação da informação compreendida como um conjunto de elementos descritivos para representar determinado material. A ótica de representação apresentada pelos autores remete a descrição física dos objetos, chamada de representação descritiva da informação e realizada a partir do processo de catalogação, onde um item é registrado, com o auxílio de normas e/ou padrões. No ambiente físico, por exemplo, elencamos o *Anglo-American Cataloguing Rules*

second edition (AACR2), e no âmbito digital citamos o padrão de metadados *Dublin Core*. No primeiro, destinado aos ambientes físicos, “os profissionais irão encontrar as regras necessárias para descrever um determinado documento e assim multidimensionalizar suas formas de acesso” (ALBURQUERQUE, 2006, p. 63). Já o *Dublin Core* “consiste de um conjunto de 15 elementos de metadados, equivalentes a uma ficha catalográfica, os quais podem ser considerados como o mais baixo denominador comum para descrição de recursos de informação”. (RUTHES, 2007, p. 9)

Na perspectiva da representação temática da informação ocorre a rotulação de assuntos. O primeiro passo para a realização da ação supracitada é o processo de indexação, em que o assunto do documento é identificado e registrado em um sistema por meio de descritores/*tags*/palavras-chave. Posteriormente este conteúdo deve ser representado de forma notacional, onde a classificação é considerada mais abrangente se comparada à indexação, entre modelos filosóficos, bibliográficos, sociais etc., promovidos, tanto nos tradicionais ambientes físicos, como também nos espaços digitais.

3.1.1 Classificação: do físico ao digital

O ser humano, por sua natureza, classifica inconscientemente a todo momento, sejam pessoas ou objetos, com a finalidade de organizar o seu conhecimento. A classificação serve para colocar em ordem o que se encontra desorganizado, ação definida por Lentino (1971) como o agrupamento de elementos semelhantes.

A formação metódica e sistemática de grupos, a ação organizante de ordenar um determinado conjunto de seres ou coisas em agrupamentos menores, a partir de características semelhantes partilhadas por alguns (que os incluem dentro de determinado grupo) e não compartilhada pelos demais (que não pertencem a esse grupo). (ARAÚJO, 2006, p. 117)

O ser humano classifica a sociedade onde vive, e seus integrantes, de longa data, ambiente ao qual estamos habituados a serem organizados. Baseado na definição de classificação na sociedade, podemos citar os *shoppings centers*, supermercados e lojas, onde cada setor agrupa utensílios similares. Pereira et al.(2009) afirmam que a classificação faz parte da natureza do ser humano, atuando

diretamente em sua organização mental e conseqüentemente classifica apenas o que lhe interessar. Costa (1997/98) afirma que é fácil identificar classificações nas relações sociais. O autor afirma que basta notar as relações interpessoais, como a atribuição de estatutos de superioridade ou inferioridade social, nos permitindo compreender que este processo já está impregnado na vida social. As classificações “são parte intrinsecamente constitutiva das sociedades” (COSTA, 1997/98, p. 65).

Algumas distinções já são pré-concebidas devido a criação do homem na sociedade, como a diferenciação de cores como, por exemplo, entre claras e escuras. Também chamada de colorimetria, a classificação em cores é comumente usada em escolas e bibliotecas infantis, espaços que possuem a missão de estimular o gosto pela leitura, assim como defendem Pinhero e Sachetti (2004) ao afirmarem que é um ambiente diferenciado e com características específicas, onde a sua comunicação visual merece ser destacada por meio de um sistema de sinalização, que utilize recursos de linguagem visual com o propósito de facilitar o uso do ambiente. Com isso, este sistema de classificação pode aumentara frequência dos usuários infantis, pelo fato da “[...] classificação por cores facilita o encontro da obra desejada, pois, as cores são uma das primeiras linguagens que a criança aprende quando pequena” (PINHEIRO; SACHETTI, 2004, p. 6).

Na escola, a biblioteca propõe aos seus usuários um ambiente de expansão da sala de aula, através da exploração de recursos ali disponibilizados. Para tanto a biblioteca deve estar devidamente organizado, podendo optar pela classificação por cor, justamente pelo perfil dos usuários infantis ao “possibilitar uma melhor interação entre o usuário (que ainda não está em fase de alfabetização) e a informação” (MELO; NEVES, 2005, p. 2). Devido à relevância desta forma de classificação, devemos valorizá-la quanto sua utilização em bibliotecas, especialmente as escolares, pois se adaptam facilmente a faixa etária dos alunos (usuários) pelo fato da cor exigir a atenção, além de estimular a criatividade e imaginação, características fundamentais para a formação de uma criança.

A contextualizada a classificação enquanto estruturas de organização inerentes a história humana, não apenas como arte, mas como campo de estudo, e passando pela colorimetria, se faz necessário citarmos os sistemas de classificação filosóficos. Para Piedade (1983), os citados sistemas são voltados para a hierarquização do conhecimento humano, ou seja, preocupam-se em agrupar conhecimentos e não livros. Aristóteles foi um grande representante dos sistemas de classificação

filosóficos com a criação da classificação do conhecimento. Neste sistema, ele elaborou cinco predicados respectivamente (gênero, espécie, diferença, propriedade e acidente) onde um grupo é reunido em um predicado conforme o seu grau de semelhança e subdividido pelo acréscimo de uma diferença. Na figura 1 encontra-se cada predicado e suas respectivas explicações.

1. Gênero	▶ Gênero é uma classe de objetos que possuem certo número de características em comum.
2. Espécie	▶ A diferença leva às espécies, de acordo com a presença ou não desta característica.
3. Diferença	▶ Uma espécie, portanto, possui uma diferença específica que a distingue de seu gênero próximo.
4. Propriedade	▶ Propriedade é uma característica essencial a um conceito, inerente a ele.
5. Acidente	▶ Acidente é uma qualidade ou circunstância que pode ou não estar presente em um conceito.

Figura 1 – Classificação Aristotélica.
 Fonte: Alvares, 2011, p. 20.

Para a melhor compreensão dos predicados anteriormente citados, vejamos o seguinte exemplo apresentado por Araújo (2006, p.123):

[...] um conjunto de cadeiras é dividido, conforme a cor, em subconjuntos contendo, cada um, cadeiras azuis, verdes, brancas e amarelas. Neste exemplo, “cadeiras” representa o gênero; “cor” representa a diferença; cadeiras azuis, cadeiras verdes, cadeiras brancas e cadeiras amarelas são as espécies; azul, verde, branca e amarela são propriedades das cadeiras; grande, média e pequena são acidentes. Ou seja, uma cadeira azul pode ser grande ou pequena, isso não afeta seu pertencimento na espécie “cadeiras azuis”.

As categorias de Aristóteles fomentaram Porfírio a representar em 305 d.C. a geração gênero-espécie, geralmente considerada como ponto de partida para o estudo da classificação.

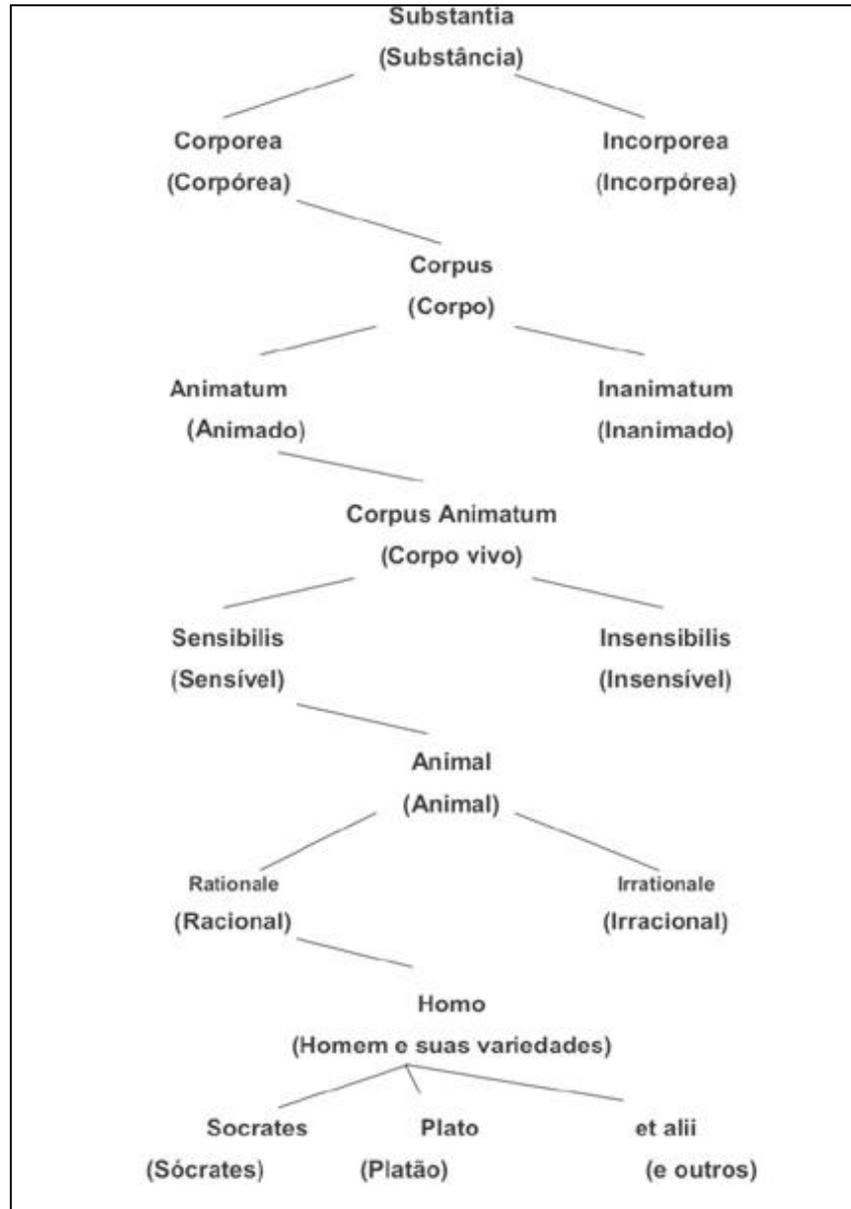


Figura 2 – Árvore de Porfírio.
 Fonte: Schreiner, 1979.

O sistema de Porfírio diferencia-se por ser o primeiro de classificação binária/dicotômica e “partindo de uma categoria geral, substância, por exemplo, podemos [dividi-la] sucessivamente de acordo com a presença ou não das [seguintes] características - corpo, vida, alma, razão, morte” (SCHREINER, 1979).

Os sistemas filosóficos possuem uma vertente teórica e serviram de inspiração para a criação dos sistemas de classificação bibliográficos, os quais possuem uma vertente prática. Conforme Araújo (2006, p. 121), na classificação bibliográfica, “o caráter funcionalidade é o definidor desse tipo de classificação”.

Piedade (1983, p. 60), por sua vez, afirma que a classificação em questão está voltada para “a ordenação dos documentos nas estantes, em catálogos, em bibliografias etc.” e Cunha e Cavalcanti (2008, p. 342) complementa ao defender que significa um “plano para o arranjo de documentos de acordo com princípios predeterminados”.

Como já exposto, a partir dos sistemas de classificação filosóficos foram criadas diversas estruturas organizacionais bibliográficas, entre as quais podemos citar os Sistemas de Classificação Decimal de Dewey (CDD) e o Sistema de Classificação Decimal Universal (CDU). Ambos os sistemas possuem a missão de reunir documentos semelhantes, procedimento cerne dos SOC, enquanto linha tênue entre os processos de representação e recuperação da informação.

3.2 SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO (SOC): abordagem atual para as linguagens documentárias (LD)

Diante dos recentes adventos tecnológicos, potencializados a partir da Segunda Guerra Mundial, estruturas de organização da informação foram sendo criadas, não apenas com enfoque em documentos físicos, tais como os livros e periódicos, e que passaram também a serem disponibilizados no formato digital, trazendo ao social os conceitos *e-books*, que são semelhantes aos livros físicos, porém fazem uso de suportes eletrônicos como os *e-readers Kindle* e *koboTouch*. Os periódicos eletrônicos representam outro espaço que merece ser citado por oferecerem produções no ambiente digital, com destaque ao científico, caracterizado como “aquele que possui artigos com texto integral, disponibilizado via rede, com acesso *on-line*, e que pode ou não existir em versão impressa ou em qualquer outro tipo de suporte” (CRUZ *et al.*, 2003, p. 48). Como exemplo podemos citar o periódico eletrônico *Perspectivas em Ciência da Informação*⁷ (2014), publicação quadrimestral da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), lançada em 1996 e com escopo em Ciência da Informação (CI), Biblioteconomia e áreas afins. Outro exemplo é a *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação (RICI)*⁸ (2014), periódico eletrônico dirigido pela Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, com escopo em CI e áreas afins.

⁷ Site: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci>

⁸ Site: <http://seer.bce.unb.br/index.php/RICI/index>

Observando os ambientes, documentos e informações na vertente digital, os SOC passaram a ser usados como um sinônimo mais extenso das linguagens documentárias (LD) que, de forma ampla, objetivam oferecer subsídios à organização da informação por meio de um vocabulário controlado, ou seja, de um mapa terminológico especializado e elaborado para uma recuperação satisfatória.

As linguagens documentárias são linguagens estruturadas e controladas, construídas a partir de princípios e de significados advindos de termos constituintes da linguagem de especialidade e da linguagem natural (linguagem do discurso comum), com a proposta de representar para recuperar a informação documentária. (BOCCATO, 2009, p. 119)

A autora complementa quanto a importância das LD falarem a mesma língua dos usuários no processo de busca e possível satisfação nos resultados do processo em questão:

Além disso, quando a linguagem documentária não oferece compatibilidade com a linguagem de busca do usuário e, conseqüentemente, não representa a sua área científica, compromete a qualidade da pesquisa realizada e a credibilidade do catálogo quanto ao seu desempenho na recuperação da informação documentária e satisfação do usuário. (BOCCATO, 2009, p. 123)

Atualmente LD vem sendo substituída por SOC, sigla definida por Tennis (2008) como uma ordenação e representação dos documentos. Para Carlan (2010, p. 28) SOC “é uma denominação nova para as linguagens documentárias que agregam elementos incorporados nas inovações tecnológicas da era digital”, sendo categorizados entre LD tradicionais e LD atuais (PEREIRA, 2013). As tradicionais são exemplificadas pelas CDD, CDU, LCC, CC, vocabulário controlado e tesouro. Por sua vez, as LD atuais são a ontologia, taxonomia e folksonomia, sendo as duas últimas integrantes do presente objeto de pesquisa, exigindo a escrita de seções específicas sobre os mesmos.

Os SOC tratam-se de uma nomenclatura distinta das linguagens documentárias, enquanto “[...] instrumentos utilizados para representar o conhecimento de uma dada área do saber” (CAMPOS, 2001a, p. 17) com fins organizacionais. Estas são necessárias para converter a linguagem natural em artificial, construídas “[...] para organizar e facilitar o acesso e a transferência da informação” (LARA, 2004, p. 232).

A linguagem natural é a que utilizamos no dia a dia, da forma oral ou escrita, por meio de cartas, livros, fala, gestos etc. Por meio da linguagem natural podemos utilizar qualquer descritor adotado pelo usuário em um sistema de busca, entretanto “esta linguagem é pouco usada porque apresenta grande inconsistência devido a sua subjetividade” (ARAÚJO et al., 2011, p. 2). Os sistemas que a utilizam, para o tratamento temático da informação, empregam os descritores fornecidos pelos autores como título, editora, publicação e/ou até mesmo o texto integral. O emprego da linguagem natural é dificultado principalmente devido a polissemia, ou seja, os vários sentidos que uma palavra pode conter e o fato que "apresenta grande inconsistência devido a sua subjetividade" (ARAÚJO et al., 2011, p. 2).

Por sua vez, a linguagem artificial ou linguagem documentária trata-se de um sistema normalizado para representar e facilitar o acesso ao conteúdo do documento, com a intenção de facilitar a recuperação da informação. Desta forma, "uma palavra que tem, na língua geral, inúmeros sentidos, ganha um significado preciso e definido no seio de uma linguagem de especialidade, num contexto preciso, ou num universo delimitado" (LARA, 2004, p. 234).

Entre naturais e artificiais, devido a “variedade de configurações, principalmente em bibliotecas digitais”, os diversos tipos de SOC podem ser classificados conforme proposta de Carlan (2010, p. 35), em sua dissertação de mestrado, baseada no arranjo apresentado por Hogde (2000). Neste sentido os SOC são exemplificados e compreendidos a partir de modelos que vão desde sistemas de classificação bibliográfica, oriundos para os espaços físicos, inclusive alguns passíveis de aplicação no ambiente digital, corroborando com a visão da autora Carlan (2010), até os digitalmente nativos. Conforme o panorama supracitado, Hodge (2000) afirma que as descrições desses sistemas são baseadas nas seguintes características: estrutura, relacionamento entre os termos, função e complexidade. Além disso, o autor os agrupou em três características gerais: listas de termos; classificação e categoria; e lista de relacionamentos.

3.2.1 Listas de termos

Os SOC que objetivam ordenar determinado conjunto de termos e atribuir suas respectivas definições são categorizados por Hodge (2000) em lista de autoridades, glossários, dicionários e *gazetteers*.

[A primeira é definida como uma] lista de termos usada para controlar a variedade de nomes para entidades. Este tipo de SOC, geralmente, não inclui uma organização nem uma estrutura complexa. A apresentação pode ser alfabética ou organizada por um esquema de classificação superficial. Por exemplo: nomes de países, indivíduos ou instituições. (HODGE, 2000 *apud* CARLAN, 2009, p. 35)

Ainda conforme Hodge (2000), os glossários são listas de termos de um campo específico ou de uma obra particular seguida de suas respectivas definições. Podemos citar como exemplo o glossário da Wikipédia⁹, que reúne significados e expressões mais utilizados por seus usuários. O terceiro item, os dicionários, são assim definidos por Hodge (2000 *apud* CARLAN, 2009, p. 35):

[...] listas de palavras em ordem alfabética e suas definições. Seu escopo é mais geral que os glossários. Podem prover informações sobre a origem de uma palavra, variações quanto a morfologia e a escrita da palavra, bem como, os múltiplos significados dentre as disciplinas.

O último e quarto item categorizado nas listas de termos são os *gazetteers*, ou seja, “[...] dicionário geográfico o qual cada entrada [identifica] o tipo de característica ou aspecto, tal como rios, escolas e cidades [...]”. Geoespacialmente referenciados, os *gazetteers* disponibilizam as coordenadas para localizar lugares na superfície da terra. (HODGE, 2000 *apud* CARLAN, 2009, p. 35). Podemos citar como exemplo o *Global Gazetteer*¹⁰, denominado em inglês como *Falling Rain Global Gazetteer*, o qual apresenta dados referentes a cidades como altitude, longitude, esboço da posição geográfica no mapa entre outros.

A próxima categoria está mais direcionada ao agrupamento conforme possíveis semelhanças e diferenças, entre modelos físicos e digitais, ou seja, estruturas hierárquicas como a CDD e a taxonomia respectivamente.

3.2.2 Classificação e categoria

Este grupo de SOC foi reunido por Hodge (2000) entre cabeçalho de assunto, esquemas de classificação, esquemas de categorização e taxonomia. Além dos modelos citados, devido a discussão do presente grupo também ocorrer nos

⁹ Site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Gloss%C3%A1rio>

¹⁰ Site: <http://www.fallingrain.com/world/>

ambientes digitais, especialmente em tempos atuais, faremos um adendo a folksonomia como forma de representação e organização da informação nativa da *Web 2.0* e criada a partir dos preceitos da taxonomia.

Os cabeçalhos de assuntos realizam o controle semântico (sinônimos e homônimos) na representação do item documentário, são pré-coordenados (a combinação de termos é feita no momento em que os descritores são inseridos no sistema) e, conforme Hodge (2000), podem ser abrangentes, como também abordarem vários assuntos, mesmo tendo uma estrutura superficial e limitada. Podemos citar como exemplo o *Handbook of Latin America Studies*¹¹, que realiza o controle semântico de termos para os trabalhos selecionados para o *Handbook*, ou seja, bibliografia sobre a América Latina editada pela divisão Hispânica da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América (EUA).

Os esquemas de classificação, taxonomias e esquemas de categorização “apesar de uma pequena diferença entre estes tipos de SOC, estes diferem em tópicos de nível mais geral, como cadeias hierárquicas e alfabéticas”. Os esquemas de classificação e taxonomias mais tradicionais são os sistemas bibliográficos, também chamados de estruturas notacionais pelo fato de sua formação ocorrer a partir de sinais, letras e números para a representação de um conceito, com o objetivo de controlar sinônimos, distinguir homógrafos e agrupar termos afins.

Buscando um breve panorama cronológico, elencamos os sistemas de CDD, a CDU e a CC. Iniciando o cenário proposto, um dos sistemas bibliográficos mais conhecidos no mundo é a CDD, criado pelo norte-americano Melvil Louis Kossuth Dewey em 1876, inicialmente chamado de *A Classificação and Subject Index for Cataloging and Arranging the Books and Pamphlets of a Library* depois conhecido como CDD ou *Dewey Decimal Classification* (DDC) a partir da 16ª edição. Em meados de 2011 foi publicada a 23ª e última edição.

Influenciado por Francis Bacon, porém numa forma invertida, a CDD foi o primeiro sistema a utilizar a localização relativa, ou seja, a organização dos documentos é realizada conforme o seu assunto, o que facilita o descarte ou a inserção de novos materiais no acervo. Além disso, sua estrutura é hierárquica, o que possibilita relações de coordenação, subordinação e superordenação, gerando desempenho de funções dentro de uma escala de importância relativa.

¹¹ Site: <http://lcweb2.loc.gov/hlas/portugues/assuntos.html>

A notação do sistema é composta por números decimais, sendo que a cada três algarismos há um ponto (.) com o intuito de facilitar a leitura. Neste sistema de classificação, todo o conhecimento humano foi dividido em dez classes principais, gerando a denominada tabela principal, a saber:

- 000 – Generalidades;
- 100 – Filosofia;
- 200 – Religião;
- 300 – Ciências sociais;
- 400 – Línguas;
- 500 – Ciências puras;
- 600 – Ciências aplicadas;
- 700 – Artes;
- 800 – Literatura;
- 900 – História e Geografia.

Dentro de cada classe principal há dez classes menores (100 divisões), ou seja, divisões centesimais, conforme pode ser observado na classe 000 (Generalidades):

- 000 – Ciência da computação, conhecimento e sistemas:
 - 010 – Bibliografia;
 - 020 – Ciência da Informação e bibliotecas e Biblioteconomia;
 - 030 – Enciclopédia e anuário;
 - 040 – Coleções gerais de Ensaios;
 - 050 – Revistas, jornais e séries;
 - 060 – Associações, organizações e museus;
 - 070 – Mídia informativa, jornalismo e publicações;
 - 080 – Citações;
 - 090 – Manuscritos e livros raros.

Na sequência proposta por Dewey, dentro de cada divisão existem dez seções na casa dos milhares (1000 seções), que por sua vez geram novas subseções, como apresentado na hierarquia a seguir:

- 000 – Generalidades:
 - 001 – Conhecimento;
 - 002 – O livro;
 - 003 – Sistemas;
 - 004 – Processamento de Dados e Ciência da Computação;
 - 005 – Programação de computadores, programas e dados informáticos;
 - 006 – Métodos Especiais;
 - Vaga;
 - Vaga;
 - Vaga;
 - 010 – Bibliografia.

O sistema ainda possui sete tabelas auxiliares com propósito de detalhar o assunto, a partir do acréscimo aos números da tabela principal para maior especificidade, a saber:

- 1 Subdivisões padrão;
- 2 Subdivisões de área;
- 3 Subdivisões de literaturas individuais;
- 4 Subdivisões de línguas individuais;
- 5 Subdivisões racionais, étnicas, nacionais;
- 6 Subdivisões de línguas;
- 7 Subdivisões de pessoas.

O sistema ainda conta com um índice relativo, que trata-se de uma lista alfabética de assuntos a qual indica as diversas entradas onde se encontra determinado tópico/notação.

O próximo sistema de classificação bibliográfico a ser apresentado conforme o panorama cronológico proposto é a CDU. Em 1892, os belgas Paul Marie Gislain Otlet e Henri La Fontaine sentiram a necessidade de organizar a bibliografia mundial desde a criação da imprensa. A bibliografia foi compilada em fichas e para organização destas optaram pelo arranjo sistemático. Para ordená-las, Otlet e La Fontaine utilizaram como base a CDD, que já estava em sua 5ª edição, além do fato da sua

notação ser construída por algarismos arábicos, universalmente conhecidos. Originando a CDU, enquanto estrutura similar a CDD, os idealizadores utilizaram sinais gráficos para relacionar assuntos e tabelas auxiliares com fins de relacionar aos números principais, o que possibilitaria uma forma exaustiva. Existem cinco tipos de edição da CDU, entre elas as desenvolvidas, médias, abreviadas, condensadas e especiais. Contudo o bibliotecário deve optar pelo tipo que melhor aplica a sua biblioteca.

Os símbolos na CDU são universalmente reconhecidos e compostos por algarismos arábicos pelos sinais de coordenação/adicação (+); de extensão consecutiva/barra oblíqua (/); de relação simples/dois pontos (:); de ordenação/dois pontos duplos (::); de igualdade (=), quando utilizado fora dos parênteses acompanha um auxiliar comum de língua da tabela 1c, assim como expresso dentro de um parênteses constitui um auxiliar comum de grupos humanos, etnias e nacionalidade; parênteses (), utilizado nas tabelas auxiliares de forma, de lugar, de grupos humanos, etnias e nacionalidade, com o intuito de diferenciar suas notações das demais; sinal de subagrupamento [], utilizado na tabela 1b de relação simples, ordenação e subagrupamento; sinal de asterisco (*), que serve para introduzir notações exteriores à CDU; e o hífen (-) para mencionar apenas alguns sinais, como ocorre no acompanhamento deste com auxiliares especiais.

As classes principais são compostas pela tabela principal organizada em dez categorias do conhecimento humano, as quais são representadas de zero à nove, a saber:

- 0 – Generalidades;
- 1 – Filosofia. Psicologia;
- 2 – Religião. Teologia;
- 3 – Ciências Sociais;
- 4 – Vaga no momento;
- 5 – Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais. Ecologia;
- 6 – Ciências aplicadas. Tecnologia;
- 7 – Artes. Divertimentos. Lazer. Esportes;
- 8 – Línguas. Linguísticas. Filologia. Literatura;
- 9 – Geografia. Biografia. História e Ciências Auxiliares.

Essas dez classes podem ser subdivididas em novas dez classes, as quais formam conceitos mais restritos, denominadas subclasses, conforme o exemplo a seguir:

- 5 – Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais. Ecologia;
 - 50 – Generalidades sobre as Ciências Puras;
 - 51 – Matemática;
 - 52 – Astronomia. Astrofísica. Pesquisa Espacial. Geodésia;
 - 53 – Física;
 - 54 – Química. Ciências Mineralógicas;
 - 55 – Ciências da Terra. Geociências. Geologia. Meteorologia;
 - 56 – Paleontologia;
 - 57 – Ciências Biológicas;
 - 58 – Botânica;
 - 59 – Zoologia;

Contudo, quanto mais as tabelas principais forem divididas, maior será a extensão do número, o que aumentará o seu grau detalhamento, conforme é possível observar nas dez novas subclasses criadas:

- 51 – Matemática;
- 510 – Princípios Gerais;
- 511 – Aritmética. Teoria dos Números;
- 512 – Álgebra;
- 513 – Geometria;
- 514 – Trigonometria. Poligonometria;
- 515 – Geometria Descritiva. Projeções. Perspectivas;
- 516 – Geometria Analítica. Coordenadas;
- 517 – Análise Matemática;
- 518 – Processos Gráficos de Cálculo. Jogos Matemáticos;
- 519 – Análise combinatória. Cálculo das Probabilidades.

A CDU também possui tabelas auxiliares, semelhantes as tabelas principais e se distinguem pelos sinais próprios. São elas:

- 1a Coordenação. Adição, Extensão Consecutiva;
- 1b Relação simples, Ordenação e Subagrupamento;
- 1c Auxiliares comum de língua =;
- 1d Auxiliares comum de forma (0...);
- 1e Auxiliares comum de lugar (1/9);
- 1f Auxiliares comuns de raça, grupos étnicos e nacionalidade (=...);
- 1g Auxiliares comum de tempo "...";
- 1h Especificações de notações externas à CDU (*, A/Z);
- 1k Auxiliares comum de características gerais:
 - 02 propriedade;
 - 03 materiais;
 - 04 relações, processos e operações;
 - 05 pessoas.

A CDU é composta de um índice alfabético, relativo aos conceitos das tabelas principais e auxiliares. Trata-se de um instrumento auxiliar para facilitar a localização das representações e tem-se constituído como um volume independente nas edições médias de diversas línguas.

Por fim, o último sistema de classificação bibliográfico a ser apresentado conforme o panorama cronológico proposto é a CC, também chamada de Classificação de Dois Pontos, e publicada pela primeira vez em 1933. Criado pelo indiano Ranganathan (1892-1972), profissional da matemática e da biblioteconomia, a CC é o sistema mais utilizado na Índia, e que se diferencia dos outros sistemas por sua característica analítico-sintética, o que o possibilita maior ampliação para formar os números de classificação. Contudo Lima (2004, p. 75) complementa defendendo que “os sistemas de classificação facetados são mais úteis para a Web porque sua característica analítico-sintética permite ao usuário ver um assunto sob diferentes pontos de vista”. O sistema da CC divide o conhecimento humano em 41 classes principais, sendo elas:

Quadro 1: Classes principais da *ColonClassification*

MAIN CLASSES			
z	Generalities	LX	Pharmacology
1	Universal Knowledge	M	Useful Arts
2	Library Science	Δ	Spiritual Experiences and Mysticism
3		MZ	Humanities and Social Sciences
4	Journalism	MZA	Humanities
A	Natural Sciences	N	
AZ	Mathematical Sciences	NX	Literature and Linguistics
B	Mathematical	O	Literature
BZ	Physical Sciences	P	Linguistics
C	Physics	Q	Religion
D	Engineering	R	Philosophy
E	Chemistry	S	Psychology
F	Technology	Σ	Social Science
G	Biology	T	Education
H	Geology	U	Geography
HX	Minning	V	History
I	Botany	W	Politics
J	Agriculture	X	Economics
K	Zoology	Y	Sociology
KX	Animals Husbandry	YX	Social Service
L	Medicine	Z	Law

Fonte: Piedade (1983, p.195).

Algumas das classes principais citadas no quadro 1 são subdivididas em classes aceitas, classes canônicas ou classes convencionais, o que não representa uma divisão por característica, como a Matemática por exemplo, que por sua vez apresenta outras classes convencionais, porém não deve ser confundido com uma divisão por característica:

- B1 – Aritmética;
- B2 – Álgebra;
- B3 – Analítica;
- B4 – Outros métodos;
- B5 – Trigonometria;
- B6 – Geometria;
- B7 – Mecânica;
- B8 – Físico-Matemática;
- B9 – Astronomia.

Sua notação é mista, pois utiliza letras maiúsculas e minúsculas do alfabeto romano, números arábicos, letras gregas e sinais gráficos, totalizando cerca de 70 sinais. Além disso, assim como apresentados nos sistemas de classificação CDD e CDU, a CC também possui um índice, neste caso, organizado em cadeias que indicam todas as localizações que determinado assunto pode ser encontrado nas tabelas principais.

Discorridos brevemente alguns dos sistemas de classificação bibliográfico mais conhecidos, elencamos os esquemas de categorização, que podem ser exemplificados pelos modelos facetados. Neste sentido, se faz necessário salientar que a CC, anteriormente apresentada, funciona conforme os preceitos da Teoria da Classificação Facetada (TCF) de Ranganathan, construída com baseada na experiência em matemática e interesse na área de classificação pelo próprio. O indiano em questão construiu o seu modelo inspirado pela necessidade de um sistema de classificação que não ficasse obsoleto em um curto período de tempo. Suas contribuições se estenderam as famosas cinco leis da biblioteconomia, a saber:

1. Os livros são escritos para serem lidos;
2. Todo leitor tem seu livro;
3. Todo livro tem seu leitor;
4. Poupe o tempo do leitor;
5. Uma biblioteca é um organismo em crescimento).

Nas palavras de Da Silva (2011, p. 52), Ranganathan contribuiu nos “[...] processos de organização/classificação da informação, na Biblioteconomia, tem influências nas culturas brâmane, chinesa, além da astrologia, ao qual acreditava que suas ideias abrangiam o universo como um todo”. Lima (2007, p. 32) afirma que o princípio introduzido por Ranganathan de maior destaque foi “[...] o princípio de análise de faceta (subdivisões de assuntos em suas partes componentes) e a síntese (recombinação destas partes para classificar um documento adequadamente)”. A faceta trata-se de uma característica, e torna o sistema de classificação multidimensional e ilimitado. Para que o seu esquema não ficasse desatualizado em relação ao conhecimento, organizou a estrutura do sistema de classificação em cinco categorias, por meio da mnemônica Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST).

Ranganthan também delineou fases básicas para a elaboração de um sistema de classificação facetado, resumido por Piedade (1983, p. 85) em 12 etapas:

1. Definição e delimitação do assunto a classificar;
2. Exame da literatura do assunto e seleção da terminologia encontrada;
3. Exame e seleção da terminologia do assunto apresentada em outras fontes, tais como tesouros, sistemas de classificação, tratados do assunto;
4. Definição dos termos selecionados;
5. Análise dos termos e distribuição pelas categorias;
6. Análise dos termos incluídos em cada categoria para reconhecimento das subfacetadas e agrupamento dos conceitos relacionados;
7. Ordenação das facetadas e subfacetadas;
8. Ordenação dos focos;
9. Inversão, para obtenção da sequência definitiva das tabelas de classificação;
10. Atribuição de notação;
11. Determinação da ordem de citação e ordem de intercalação;
12. Compilação do índice.

A classificação facetada, conforme Da Silva (2010), pode ser aplicada em banco de dados (BD), visando a organização para posterior recuperação da informação. Esta aplicação é facilitada pelo fato da TCF possuir um esquema multidimensional, com diferentes focos, e as facetadas poderem ser inclusas na notação independente das já existentes. A TCF organiza os seus materiais a partir da combinação de conceitos, inclusive podendo formar qualquer assunto. Piedade (1977, p. 160) explica que “cada facetada é constituída pelo número necessário de subdivisões, denominadas focos, cada uma acompanhada por algarismos arábicos, no sistema decimal, constituindo seu símbolo de classificação”.

A categorização também pode ser realizada pelos mapas conceituais, bastante utilizados na academia por discentes e docentes, afim de resumir um assunto e facilitar a organização de um determinado pensamento. Os conceitos são interligados a partir de um mesmo termo centralizado, “propiciando uma reconciliação, uma conexão entre conceitos que não era claramente perceptível” (TAVARES, 2007, p. 3).

Finalizando esta subseção, Hodge (2000) cita a taxonomia, estrutura de classificação utilizado há muitos anos pelos filósofos, mas que vem sendo bastante empregada nos tempos atuais para a organização da informação e navegação de ambientes na *Web*. Por ser um dos enfoques do presente trabalho, se faz necessário a produção de uma subseção específica.

3.2.2.1 Taxonomia: estrutura *top-down*

A expressão taxonomia é composta do grego *taxis* (ordem) com a junção de *onoma* (*nombre*). Primeiramente ela foi muito utilizada por biólogos, mas atualmente sua presença se destaca no mundo dos negócios e no ambiente digital, principalmente na primeira geração da *Web*. Esta se trata da primeira fase da Internet, também conhecida como *top-down*, devido apresentar um ambiente pré-estabelecido, organizado, como é o caso propositivo de uma taxonomia, trazendo como consequência um usuário consumista (passivo) e sem interação (liberdade), assim como afirmado na introdução do presente trabalho.

Enquanto ambiente onde há limitações para o usuário alterar o conteúdo das páginas, a *Web 1.0* possui como característica a presença de um sistema hierárquico para organizar sua informação, ou seja, faz uso de uma taxonomia. Para Carlan e Brascher (2011, p. 57) “as taxonomias vêm sendo usadas para a criação de metadados ou termos comuns para descrever um objeto, com foco na recuperação da informação e na categorização”. Para Terra et al. (2005, p. 1) a taxonomia possui as seguintes características:

Representar conceitos através de termos; agilizar a comunicação entre especialistas e entre especialistas e outros públicos; encontrar o consenso; propor formas de controle da diversidade de significação; e oferecer um mapa de área que servirá como guia em processos de conhecimento.

Apesar da taxonomia ser utilizada com ênfase nos dias de hoje e tema de produções atuais, o SOC em questão não é uma ciência prática e, como citado anteriormente, foi muito utilizada na biologia, realidade que se mantém nos tempos atuais.

Podemos citar como exemplo a sua utilização no período do renascimento (século XV e XVI) pelo sueco Karl von Linné, quando representou a classificação dos seres vivos hierarquicamente (figura 3).

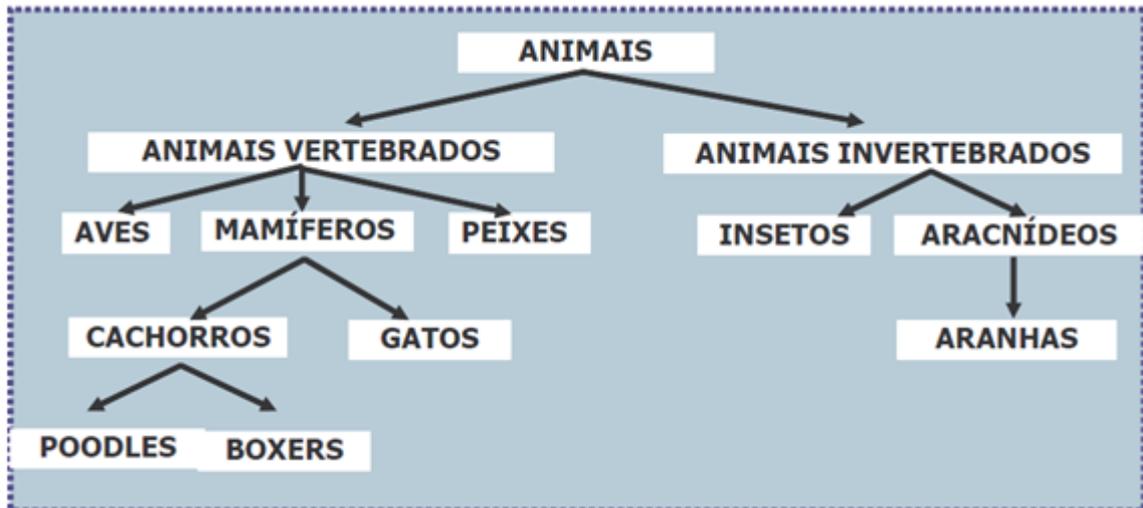


Figura 3– Classificação dos seres vivos
 Fonte: Terra, 2005, p. 2.

Quando pensamos em taxonomia, logo imaginamos em um modelo hierárquico, que utiliza a classificação binária e relação gênero-espécie ou todo-parte entre os termos. Podemos observar esta característica na figura acima, pois “o cientista dividiu os seres vivos em grupos, de acordo com suas características em comum, obedecendo a uma ordem hierárquica” (TERRA, 2005, p. 1).

Como já mencionamos, a taxonomia foi a forma de representação escolhida para a primeira geração da *Web*, a comercial, pois “com o advento das novas tecnologias de informação ligadas à Informática, sobretudo a web, as taxonomias passaram a ser utilizadas como elementos estruturantes da informação em meio digital” (CAVALCANTE, 2012, p. 32).

Independente da criação da nova geração, os usuários ainda utilizam ambientes da *Web 1.0*, tendo como característica basilar uma navegação simples, por vezes extensivas hierarquicamente (muitos cliques), mas que geram buscas relativamente precisas. Campos e Gomes (2008) caracterizam-na da seguinte forma:

- Conter uma lista estruturada de conceitos/termos de um domínio;
- Incluir termos organizados hierarquicamente;
- Possibilitar a organização e recuperação de informação através de navegação;
- Permitir agregação de dados, diferentemente das taxonomias seminais, além de evidenciar um modelo conceitual do domínio;
- Ser um instrumento de organização intelectual, atuando como um mapa conceitual dos tópicos explorados em um [SRI];
- Ser um novo mecanismo de consulta em Portais institucionais, através de navegação.

Tanto o modelo hierárquico da Árvore de Porfírio (figura 2), baseado nos pensamentos do filósofo grego Aristóteles, quanto a classificação dos seres vivos de Karl Von Linné, utilizam do princípio dicotômico. Atualmente são construídas também taxonomias policotômicas, onde “um termo é associado a tantas classes e subclasses quantas se fizerem necessárias em um domínio especializado” (CARLAN; BRASCHER, 2011, p. 57), modelo característico das atuais necessidades dos ambientes digitais.

Conway e Sligar (2002) descrevem três tipos de funcionalidade da taxonomia: descritiva, navegacional e gerenciamento de dados. A descritiva é baseada no modelo de tesouros e vocabulários controlados. No gerenciamento de dados não há a intenção de organizar apenas uma parte da informação, ou seja, um conjunto de termos controlados, que não serão organizados hierarquicamente. Já a navegacional promove a descoberta da informação no momento da busca. Conforme Vital e Café (2011, p. 124-125), critérios devem ser observados na construção de taxonomias:

- Comunicabilidade: termos devem transparecer os conceitos carregados de acordo com a linguagem utilizada pelos usuários do sistema. Ex. Cloreto de sódio (utilizado para especialistas) e sal (utilizado para leigos);
- Utilidade: apresentar somente os termos necessários. Ex. Frutas, sem especificar cada uma como maçã, pera;
- Estimulação: uso de termos que induzem o usuário a continuar a navegação pelo sistema;
- Compatibilidade: contém somente estruturas de campo que se está ordenando e que façam parte das atividades ou funções da organização. (TERRA *et al.*, 2005, p.3)

A partir da navegação em sites, que utilizam a taxonomia para organizar seus conteúdos, percebemos algumas vantagens, conforme afirmam Sales e Motta (2010, p. 13), em sua utilização para um determinado sistema, empresa entre outros:

- Permitir a visualização no sistema de forma integrada;
- Minimizar o tempo gasto na busca;
- Padronizar a ordem de arquivamento das informações;
- Padronizar a terminologia utilizada;
- Visualizar a relação entre os assuntos/;
- Apresentar a informação acoplada à estrutura classificatória;
- Permitir que a estrutura hierárquica da taxonomia revele informações úteis para a gestão (Ex: A escolha dos cânones pode ser direcionada a revelar áreas mais produtivas ou assuntos mais relevantes em uma coleção).

Como já mencionado, a taxonomia é uma antiga forma de organização da informação, utilizada para a estruturação do conhecimento. Ela vem se atualizando concomitantemente com as atuais tecnologias de informação, para a aplicação em ambientes digitais. Em uma roupagem moderna, mais especificamente nos atuais ambientes digitais, encontramos a folksonomia, um modelo de representação e organização da informação da *Web 2.0*, baseado na taxonomia, mas que faz uso da inteligência coletiva para estruturar o conhecimento humano.

3.2.2.2 Folksonomia: estrutura *bottom-up*

Oriunda no ambiente digital, a folksonomia (folk [povo] + taxonomia) foi cunhada por Thomas Vander Wal no ano de 2004 em associação a um grupo de discussão intitulado Arquitetura da Informação (AI)¹².

A folksonomia é um modelo “[...] que funciona com base no hipertexto, subverte antigas formas de taxonomia e converge com os ideais de cooperação derivados da noção de web 2.0” (AQUINO, 2007, p. 3-4). Ela é baseada em um formato de hipertexto intuitivo, característica da *Web 2.0*, assim propiciando uma navegação não linear.

A *Web 2.0*, assim como exposto na introdução deste trabalho, propõe a colaboração, a participação do usuário, a troca de conhecimento, diferenciando-se do modelo anterior. Conforme O’Reilly (2005, p. 2), a *Web 2.0*, também chamada de *Web Social*, pode ser definida como uma “mudança para uma Internet plataforma, onde o objetivo é desenvolver aplicativos que aproveitem a inteligência coletiva em rede”.

O seu direcionamento principal não é a tecnologia, mas os seus usuários, que por sua vez agora não recebem apenas informação, mas passam publicar o seu conhecimento, seja ele em *Blogs*, ambientes *Wiki*, redes sociais etc.

Não é necessário ser um profissional em programação, conhecer profundamente códigos, linguagens, para criar páginas na *Web*, pois há programas *online* para esta finalidade que orientam o usuário. É a “mudança para uma internet plataforma, onde o objetivo é desenvolver aplicativos que aproveitem a inteligência coletiva em rede” (O’REILLY, 2005, p. 2).

¹²Site: <http://iainstitute.org/>

Neste espaço, a interatividade, a partir da criação de tecnologias que priorizam novas formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, parece ser o grande atrativo aos usuários, permitindo que estes criem, modifiquem e compartilhem suas informações, além da criação de ambientes. (DA SILVA, 2010, p. 2)

Em ambientes *e-commerce*, como os sites das lojas virtuais Americanas¹³ e Submarino¹⁴, pode-se verificar o ato de colaboração entre as pessoas. Os *e-commerce* são caracterizados pela avaliação, recomendação e compartilhamento de produtos pelos seus usuários, especialmente pela integração com as redes sociais. No cerne deste processo encontra-se a folksonomia, definida por Da Silva (2010, p. 7) da seguinte forma:

[...] forma de classificação [...] baseada na categorização das informações exclusivamente dos usuários criadores de elementos como, por exemplo, bookmarks, fotos, vídeos entre outros, através do uso de termos denominados tags.

A folksonomia é vista como um esquema de representação do conhecimento (BRANDT; BRASCHER, 2010) que permite ao usuário inserir *tags* da forma a qual achar pertinente, da maneira que compreende o assunto, contribuindo coletivamente com a rotulação de um determinado objeto, e assim permitindo que os demais encontrem o conteúdo de forma intuitiva e prática.

Enquanto ação central da folksonomia, o *tagueamento* é “[...] um sistema de indexação de informação que permite a adição de *tags* (etiquetas) que descrevem o conteúdo dos documentos armazenados” (AQUINO, 2007, p. 3). Desta forma, Primo (2007, p.3) menciona que “em vez de uma categorização por especialistas que segue rígidos padrões taxonômicos, a folksonomia seria uma classificação social de “baixo para cima”, além de não existir [...] efetivamente a tradução dos termos para uma linguagem artificial” (CATARINO; BAPTISTA, 2007, p. 3).

Para Assis e Moura (2013), a folksonomia concebe a renovação na forma de marcação dos *links*, considerados favoritos pelos usuários. Entretanto, para a sua adoção, quatro pontos devem ser levados em consideração para a tomada de decisão, segundo Kato e Silva (2010) e Da Silva (2010):

¹³Site: <http://www.americanas.com.br/>

¹⁴Site: <http://www.submarino.com.br/>

- Flexibilidade: as tags são inseridas conforme o vocabulário dos usuários;
- Identificação de padrões: possibilita identificar padrões, a partir de um grupo em comum;
- Colaboração: quando uma determinada etiqueta é mais procurada, aumenta-se a probabilidade de recuperação desta;
- Forma anárquica que nasce a informação: é a característica da folksonomia considerada por muitos como a grande dificuldade de aplicação. A sua problemática é resumida em cinco pontos (Uso de plurais, Polissêmia no SI, Sinonímia, Palavras consideradas “egoístas”, escrita incorreta).

A flexibilidade é o maior exemplo de liberdade do usuário na forma de representar e organizar a informação na *Web 2.0*, fazendo uso da linguagem natural das pessoas. Conforme Aquino (2007, p. 8), “se no momento da busca o pesquisador não utilizar alguma palavra da listagem criada para tal assunto, a busca não lhe trará resultados úteis”. A flexibilidade pode aumentar o nível de recuperação, já que o vocabulário organizado irá coincidir com a linguagem dos usuários. Podemos citar como exemplo as *hashtags* (#) utilizadas pelos usuários no *Facebook* e *Twitter* para reunir informações semelhantes e separar as afins. Na figura 4 exemplificamos o uso da *#enebd2014* utilizada para etiquetar e agrupar assuntos referentes ao evento estudantil intitulado Encontro Nacional de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação (ENEBD)¹⁵, em sua trigésima sétima edição.



Figura 4 - Flexibilidade: uso de *hashtags* (#).
Fonte: *Twitter*¹⁶, 2014.

¹⁵ Site: <http://www.enebd2014.fci.unb.br/>

¹⁶ Site: <https://twitter.com/ENEBD2014>

A identificação de padrões é passível de análise nas redes sociais e na tecnologia *Data Mining*, através de grupos que são reunidos por um interesse em comum. O exemplo da figura 3 mostra um determinado grupo reunido a partir de um interesse em comum, ou seja, compras no *site* de *e-commerce Ebay*¹⁷.

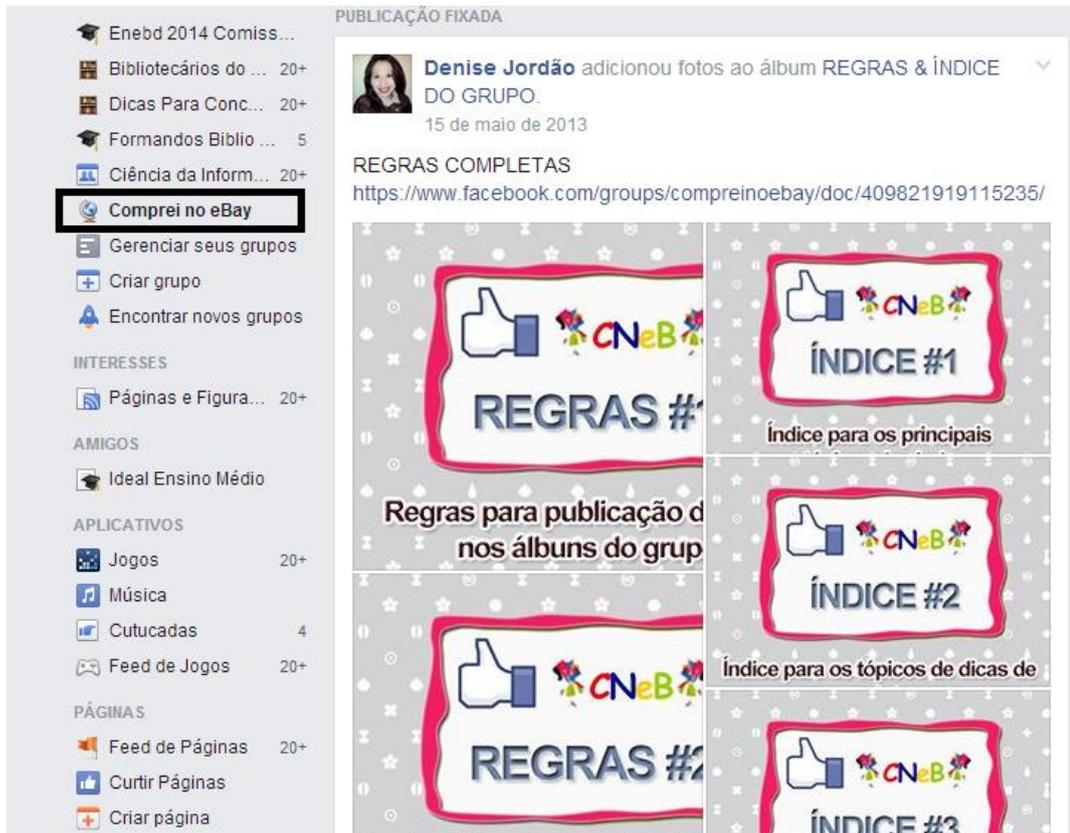


Figura 5 - Identificação de padrões.
Fonte: Facebook, 2014.

No momento da colaboração, onde as pessoas rotulam a mesma *tag*, há a possibilidade da formação de grupos, devido a afinidade pelo mesmo interesse. A colaboração também pode ser realizada em comentários/avaliações, seja para colaborar no ambiente ou para auxiliar na tomada de decisão quanto a um objeto, uma informação. Neste sentido, os *Wiki* são exemplos de ambientes onde as informações são criadas pelos próprios usuários em uma estrutura hipertextual, gerando *links* que remetem a páginas internas e/ou outros sites, fazendo com que os mesmos estabeleçam um caminho de navegação conforme suas necessidades. Segundo Silva e Blattman (2007, p. 208), “o sistema *wiki* utilizado conceito de Folksonomia em sua estrutura através da liberdade na construção dos verbetes para inserção de novas

¹⁷ Site: <http://www.ebay.com/>

informações”. Como os ambientes *Wiki* são alimentados pelos usuários, a *Wikipédia*¹⁸ (figura 6) é um exemplo de aplicação do conceito da folksonomia, mais precisamente pela característica da colaboração e compartilhamento de informação. A *Wikipédia* trata-se de uma enciclopédia universal e multilíngue, passível de modificação por qualquer usuário, sem a necessidade de solicitar permissão para tal finalidade.

The image shows a screenshot of the Portuguese Wikipedia page for 'Copa do Mundo FIFA'. The page layout includes a top navigation bar with 'Artigo' and 'Discussão' tabs, a search bar, and user options like 'Criar uma conta' and 'Entrar'. The main content area features the article title 'Copa do Mundo FIFA' and its origin: 'Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.' The article text describes the tournament, its history, and its organization by FIFA. A sidebar on the left contains navigation links such as 'Página principal', 'Conteúdo destacado', and 'Colaboração'. On the right, there is a 'Dados gerais' table and a 'Dados históricos' section.

Copa do Mundo	
Dados gerais	
Organização	FIFA
Edições	20
Local de disputa	País Sede
Sistema	Torneio concentrado, Grupos e eliminatória
Dados históricos [Expandir]	
Estatísticas [Expandir]	
 Edição atual	
editar	

Figura 6 - Colaboração social na *Wikipédia*.

Fonte: *Wikipédia*, 2014.

Como já descrito acima, a forma anárquica com que nasce a informação é considerada a grande desvantagem da folksonomia pelos seguintes fatores: palavras no singular e plural serem consideradas classificações distintas, uma mesma palavra inclusa no sistema possuir diversos significados, diferentes palavras inseridas no sistema representando o mesmo assunto e diminuindo a precisão das buscas, a inserção de palavras que pode ser interpretada apenas por um pequeno grupo/único usuário e, por fim, a não revisão da escrita das *tags*. Um exemplo para essa característica é a utilização da *hashtag* (#) no *Facebook* e *Twitter* em conjunto com caracteres, no sentido abreviar palavras, conforme demonstra a figura 7, o que pode resultar em inúmeros significados (interpretações) pelos usuários de determinado ambiente e conseqüente recuperação inconsistente.

¹⁸ Site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal



Figura 7 – Exemplos de *hashtags* (#) criadas de forma anárquica.
 Fonte: Facebook, 2014.

Observando a realidade dos ambientes supracitados entre *e-commerce*, *Wikipédia* e redes sociais, que por sua vez estão em consonância com a fala de Da Silva (2010), quando defende que a interatividade faz parte dos atuais modelos de publicação, compartilhamento e organização de informações, é possível inferir que a teoria da *Web 2.0* pode e deve ser aplicada à biblioteconomia, na ótica de suas ferramentas, apresentando a denominada biblioteca 2.0, e na visão da representação e organização da informação, a folksonomia. O termo, biblioteca 2.0 (*library 2.0*) foi utilizado pela primeira vez pelo *blog Library Crunch*¹⁹, definido por Maness (2007, p. 44) como “a aplicação de interação, colaboração, e tecnologias multimídia baseadas em web para serviços e coleções de bibliotecas baseados em web”. O objetivo desse modelo é propor mudanças para ampliar o poder de alcance da biblioteca, com a finalidade de melhor atender os usuários dos tempos atuais. Para que isso ocorra efetivamente é necessário a participação do usuário, colaborando no ambiente da

¹⁹ Site: <http://www.michaelecasey.com/>

biblioteca, seja avaliando, comentando ou inserindo uma *tag* para a indexação e classificação dos assuntos no catálogo, por exemplo.

Ainda no âmbito da *Web*, a última categoria proposta por Hodge (2000) aborda modelos de organização temática da informação intimamente ligados aos ambientes digitais, com desta que aos tesouros, redes semânticas e ontologias.

3.2.3 Listas de relacionamentos

As listas de relacionamento começaram a demarcar o seu espaço nos estudos de organização da informação a partir da Segunda Guerra Mundial, em especial pelos adventos tecnológicos e da produção científica crescente. O reflexo do panorama supracitado é visto na Internet, mais especificamente no ambiente *Web*, como defendem Cicon e Lunardelli (2012, p. 133): “a organização da informação na web é uma temática relativamente recente no âmbito da Ciência da Informação em razão do aumento expressivo da quantidade de informações em ambiente digital”.

Como já apresentado, Hodge (2000) categoriza as listas de relacionamentos em tesouros, redes semânticas e ontologia. Os tesouros são “listas de palavras de uma determinada área, apresentando o relacionamento entre os termos utilizados naquele assunto ou área do conhecimento” (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2003, p. 199). Possuem como finalidade o controle semântico dos termos a partir das relações de equivalência, hierárquicas ou associativas, esta última para apresentar termos alternativos. Na relação de equivalência mais de um termo representa o mesmo conceito e utiliza os símbolos “usado por” (UP), em que o termo seguido deste símbolo é um descritor não preferido, e “use” (USE) quando o conceito seguido deste símbolo é um termo preferido. A relação hierárquica é representada pelas siglas “termo genérico” (TG) e “termo específico” (TE). A primeira precede um termo superordenado e a segunda antecede um termo subordinado. Por fim, a relação associativa, como o próprio nome define, associa termos, porém não hierarquicamente, representados pela sigla “termo relacionado” (TR). Em suma, os tesouros são normalmente aplicados a uma determinada área do conhecimento, como podemos citar por exemplo o Tesouro do Senado Federal²⁰, SOC construído inicialmente na década de 80 e que passa regularmente por manutenções e atualizações.

²⁰ Site: <http://www.senado.gov.br/publicacoes/thes/asp/apresentacao.asp>

O segundo item das listas de relacionamentos são as redes semânticas. Para Hodge (2000), com a chegada do processo de linguagem natural, as redes semânticas foram se consolidando. A estrutura dos conceitos não possui hierarquia, contudo são dispostas em formatos de redes ou teias. Os conceitos são nós e os relacionamentos distribuem-se a partir dos conceitos. Como exemplo o autor cita a iniciativa *Princeton University's WordNet*²¹ a qual interliga palavras com sentido similar e rotula as relações semânticas entre as mesmas. A relação mais trabalhada neste ambiente é a sinonímia, ou seja, palavras que possuem significados semelhantes diante das relações de superordenação/subordinação e todo-parte. Podemos citar como exemplo, na primeira forma de relação, o uso do termo móveis utilizado para os seus tipos sofá, cadeira e cama. Já na segunda prática de relação podemos citar como exemplo o uso dos termos “cadeira para trás”, “encosto” e “perna” como características e partes de um “móvel”. Assim, intercedendo as duas relações em uma busca, o ambiente apresentará (supostamente) conclusões como “a cadeira possui pernas”, “o sofá também possui pernas”, “o sofá possui encosto” etc.

O terceiro e último item denomina-se ontologia, considerada por Carlan (2010) como a mais recente ferramenta dos SOC e que diferentemente das outras ferramentas, as suas relações incluem regras de inferências e axiomas. A estrutura de uma ontologia é similar à de uma taxonomia, ou seja, entre os termos consta definições e relações. O que a diferencia é a possibilidade de permitir inferências entre essas relações. Noy e Mc Guinness (2001 *apud* CARLAN, 2010, p. 54, grifo do autor), apresentam os seguintes componentes de uma ontologia:

- **Classes ou conceitos** –descrevem conceitos do domínio, são muitas vezes o foco das ontologias. As classes estão, geralmente, organizadas em uma taxonomia;
- **Relações** –apresentam as diversas formas de associação entre conceitos de um domínio;
- **Atributos** –descrevem as características que compõem os conceitos e as instâncias;
- **Instâncias**–são usadas para representar os elementos de uma ontologia, podem ser as ocorrências dos conceitos até sua individualização. Uma instância é um conceito que pertence a uma classe e possui determinadas propriedades;
- **Axiomas** –são expressões verdadeiras que usam linguagens de lógica para descrever os construtos na ontologia;
- **Regras** –são geralmente usadas para inferir conhecimento na ontologia.

²¹ Site: <http://wordnet.princeton.edu/>

A realidade supracitada, sobre os SOC, pode ser encontrada no âmbito das bibliotecas, inclusive nos remetendo a já citada biblioteca 2.0. Neste sentido, os SOC a serem adotados, na confecção de produtos e serviços, sejam eles nos ambientes físicos ou digitais, devem levar em consideração o tipo de biblioteca, a sua realidade, no caso do presente trabalho, a universitária.

3.3 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Tradicionalmente, a biblioteca é um espaço aceito pelo homem ao longo da sua trajetória. Isso pode ser notado pelas bibliotecas estarem vinculadas historicamente a universidades e escolas, instituições que estimulam o conhecimento e a inovação. Neste contexto encontra-se a importância da biblioteca, ambiente onde será registrada, organizada e disseminada a informação produzida pelos que possuem vínculo com as citadas instituições, além de propiciar acesso à produção científica e acadêmica de outras instituições e autores.

Existem vários tipos de bibliotecas, cada uma com público, missão e objetivos distintos, mas independente da sua topologia, devemos compreender que o espaço em discussão está subordinado a uma instituição, como a universidade, por exemplo, necessitando sua missão e objetivo estarem de acordo com os preceitos da devida instituição. A biblioteca universitária apoia as atividades de universidades e faculdades, “através da prestação de produtos e serviços aos alunos de graduação, pós-graduação, professores e funcionários da instituição na qual está inserida” (MACHADO, 2009, p. 27).

De forma ampla, a “[..] biblioteca universitária está inserida na Instituição de Ensino Superior (IES) apoiando os conteúdos ministrados nos currículos de cursos, além de oferecer subsídios para a investigação técnico-científica da comunidade acadêmica (BAPTISTA; RUEDA; SANTOS, 2008, p. 2).

O acervo da biblioteca universitária deve atender prioritariamente ao público universitário e novos materiais devem ser solicitados pelos professores, a partir da bibliografia básica e complementar. O acervo também deve conter livros de literatura para lazer e pesquisas retrospectivas e históricas. Os bibliotecários responsáveis pela biblioteca também devem estar atentos aos requisitos do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), ao qual, conforme a lei nº 10.861 (BRASIL, 2004), possui como finalidade aperfeiçoar as particularidades do ensino

superior, a partir do aumento da eficácia institucional e efetividade acadêmica e social, promoção e compromissos das instituições.

Este processo de avaliação é meramente quantitativo, o que gera incertezas na opinião do usuário sobre o ambiente da biblioteca. Quanto à quantidade e qualidade do acervo, deve-se atentar para as indicações fornecidas pelo Ministério da Educação (MEC), adequando-se às particularidades de cada universidade.

Em geral, os objetivos maiores de uma biblioteca universitária “são o desenvolvimento educacional, social, político e econômico da sociedade humana” (FUJITA, 2005, p. 101). Estes objetivos estão diretamente ligados à produção acadêmica, ensino-aprendizagem e à inovação que se origina na própria universidade. Assim, as funções da biblioteca universitária são:

- **Armazenagem do conhecimento:** desenvolvimento de coleções, memória da produção científica e tecnológica, preservação e conservação;
- **Organização do conhecimento:** qualidade de tratamento temático e descritivo que favoreça o intercâmbio de registros entre bibliotecas e sua recuperação e
- **Acesso ao conhecimento:** a exigência de informação transcende o valor, o lugar, a forma e necessita de acesso. Por isso devemos pensar não só em fornecer a informação, mas possibilitar o acesso simultâneo de todos. (FUJITA, 2005, p. 100, grifo nosso)

A Universidade evoluiu tecnologicamente com a criação de plataformas que permitem disciplinas serem ofertadas à distância, proporcionando mais autonomia ao processo de ensino-aprendizagem. Acompanhando-as, as bibliotecas sofreram modificações, tanto nos suportes, quanto na divulgação de serviços e produtos.

Independente da presença da tecnologia nesses ambientes, a função e os objetivos da biblioteca universitária permanecem a mesma, mas agora acompanhando as recentes tecnologias assim como afirmam Santos Júnior, Santos e Santos (2014, p. 2, grifo do autor):

[...] a biblioteca universitária deve acompanhar e se adequar a essa evolução tecnológica, de modo a otimizar os serviços de informação que disponibiliza para a comunidade acadêmica, de forma rápida e precisa, como preconiza a 4^o lei da Biblioteconomia, formulada pelo Bibliotecário indiano Ranganatham: “Poupe o tempo do leitor”, o que significa também poupar o tempo da equipe da unidade de informação, que tem como finalidade, satisfazer a necessidade de informação de seus usuários.

Geralmente associamos as ferramentas da *Web 2.0* para entretenimento entre pessoas, porém há outras ferramentas com finalidades distintas, que tiram proveito da *Web* como plataforma. No caso do ensino a distância (EAD), cada vez mais utilizados pelas universidades, podemos citar como exemplo a ferramenta *Moodle*²², utilizado por exemplo, pela UnB para o auxílio aos docentes no complemento de suas aulas, na formação de grupos para discussão, na disponibilidade de material didático, nos fóruns entre outros.

As inovações se originam a partir dessas trocas de informações, da comunicação científica, que acontece nos ambientes acadêmicos. Dessa forma, as tecnologias, quando implementadas adequadamente, trazem diversas vantagens, como a “racionalidade no trabalho, melhor controle e maior facilidade para armazenar e disseminar a informação” (MIGUEL; AMARAL, 1993, p. 2).

A breve discussão apresentada nesta subseção justifica-se pela biblioteca universitária ser o ambiente de estudo deste trabalho, pois como já verificado, a biblioteca é um local onde se encontra o conhecimento humano registrado, pertencentes ou não à instituição, além da universidade ser fomentadora do mesmo.

²² Site: <http://www.aprender.unb.br/>

4 METODOLOGIA

Desde os primórdios da história da humanidade, os indivíduos indagam-se a respeito de determinadas situações adversas e para solucioná-las um conjunto de ações, de técnicas, forem sendo utilizadas e aperfeiçoadas. Neste sentido criou-se o que denominamos de metodologia, etapa crucial em qualquer trabalho científico. Andrade (2010, p. 117) afirma que podemos compreender metodologia como “conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento”. A metodologia “visa delimitar um determinado problema, analisar e desenvolver observações, criticá-los e interpretá-los a partir das relações de causa e efeito” (OLIVEIRA, 2010, p. 56), isto é, uma espécie de solução a partir de métodos e técnicas direcionados a um problema estabelecido, de uma causa específica.

O presente percurso metodológico analisará questões sobre o conhecimento e a utilização dos sistemas de organização temática da informação pelos bibliotecários da BCE/UnB, pessoalmente e profissionalmente, como também nos ambientes físico e digital.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Para que o trabalho seja científico, ele deve obedecer às etapas que serão estabelecidas na metodologia, entre métodos e técnicas de pesquisa. Neste certamente, um método “trata do conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma determinada realidade, produzir determinado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos” (OLIVEIRA, 2010, p. 57), ou seja, ele será a maneira/forma pelo qual alcançaremos nossos objetivos.

Ao longo da história, diferentes métodos foram desenvolvidos por grandes pensadores, entre eles o indutivo, utilizado na presente pesquisa para representar a amostra composta por dois setores da BCE/UnB à luz da biblioteca como um todo. Para Silva (2001, p. 26), “no raciocínio indutivo a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta”. Contudo será analisada as opiniões dos entrevistados destes dois setores, referentes a organização da informação nesta instituição, o que remeterá a possíveis interpretações conforme o exemplo de Andrade (2010, p. 119) a seguir:

O calor dilata o ferro; ----- particular;
 o calor dilata o bronze; ----- particular;
 o calor dilata o cobre; ----- particular;
 logo, o calor dilata todos os metais ----- geral, universal.

Além do método, as técnicas de pesquisa bibliográfica e explicativa constituem a presente metodologia. A primeira consiste no levantamento da bibliografia dos principais autores da área, com a finalidade de “conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno” (OLIVEIRA, 2001, p. 119). A segunda propõe explicar a motivação de fenômenos a partir do método observacional nas ciências sociais, como também proporcionará uma base para o conhecimento científico, com o objetivo de “aprofundar o conhecimento da realidade, procurando a razão, o ‘porquê’ das coisas; por isso mesmo, está mais sujeita a cometer erros”. (ANDRADE, 2010, p. 112, destaque do autor)

Quanto à abordagem de coleta de dados, adotamos as pesquisas quantitativa e qualitativa. A quantitativa baseia-se em números e representação estatística, “significa quantificar opiniões, dados, nas formas de coleta de informações, assim como também com o emprego de recursos e técnicas estatísticas” (OLIVEIRA, 2001, p. 115). A qualitativa procura interpretar e discorrer a respeito dos dados levantados e, ao contrário da abordagem anterior, “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas”. (SILVA, 2001, p. 20)

Como instrumento para a coleta de dados adotamos um questionário semiestruturado modelado entre perguntas abertas e fechadas, ofertando opções de respostas única e mista, e aplicado aos bibliotecários da BCE, entre profissionais e estagiários, compreendido ao dia 30 de junho de 2014. No que se refere as etapas da pesquisa, a metodologia seguiu os seguintes passos:

1. Pesquisa bibliográfica a partir do levantamento teórico de autores em livros, artigos, enciclopédias, *blogs*, ambientes *Wikis* e materiais didáticos;
2. Aplicação do questionário semiestruturado (Apêndice A) como instrumento de coleta de dados no dia 30 de junho de 2014;
3. Uso da técnica de pesquisa explicativa para analisar e compreender os dados coletados conforme comparação com a realidade de uso dos sistemas de organização (temáticos) adotados, especialmente nos ambientes digitais.

4.2 AMBIENTE DA PESQUISA: BCE/UnB

A BCE foi criada em 1962, ocupando primeiramente instalações no edifício do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Posteriormente o acervo foi transferido definitivamente para o *campus* da UnB, mais especificamente para a Sala Papyrus, localizada em um dos primeiros edifícios da Universidade. Devido ao tamanho do acervo, este foi deslocado para o térreo e subsolo do prédio Serviços Gerais 12 (SG-12) e mudou-se para o atual prédio em 1973. O último prédio, com 16.000m² e localizado no Campus Universitário Darcy Ribeiro (Asa Norte) pode abrigar até um milhão de volumes e dois mil usuários.

A construção física e as diretrizes de funcionamento da BCE foram cuidadosamente definidas pelos seus idealizadores, já que esta era a biblioteca da Universitária Federal da nova capital do país. Além disso, é possível conhecer sua história a partir da disponibilização de obras relacionadas aos pensadores do ambiente em questão, entre materiais como livros, fotografias entre outros.

A proposta e constituição da BCE foi de uma biblioteca centralizada, inicialmente constituída de materiais no suporte físico, tais como livros e periódicos científicos, mas hoje conta com a oferta de objetos também nos ambientes digitais, entre bibliotecas digitais, repositório institucional, diretório de periódicos acadêmicos e bases de dados. Sua missão é “promover e garantir à comunidade universitária o acesso à informação científica e o compartilhamento do conhecimento científico no âmbito do Sistema de Bibliotecas da UnB, contemplando o ensino, a pesquisa e a extensão” (BCE, 2014).

Na BCE, seus serviços são ofertados prioritariamente aos docentes, discentes, pesquisadores e funcionários. Estes podem obter acesso as obras, através do catálogo *online* da rede *Pergamum*²³, sistema de automação de bibliotecas (SAB) que reúne o acervo de todas as bibliotecas da rede, fornece ao usuário a localização do item, a quantidade de exemplares, o seu estado de empréstimo entre outras ações.

Atualmente dirigida por Emir José Suaiden, bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)²⁴ e professor Doutor/Titular da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, a BCE estrutura-se a partir de diversos setores:

²³ Site: http://consulta.bce.unb.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1

²⁴ Site: <http://www.cnpq.br/>

- O setor de referência atende aos usuários conforme suas necessidades de informação;
- A comutação bibliográfica, que faz parte do setor de referência e auxilia na obtenção de documentos acadêmicos pertencentes a outras instituições;
- O setor de auxílio ao usuário cuida da circulação de livros (empréstimo e reposição) e do relacionamento entre os usuários (internos e externos);
- O setor de multimeios, que encarrega-se do processamento e acesso aos suportes diferentes dos livros como discos, fitas, *Compact Disc Read-Only* (CD-ROM) etc. e de coleções especiais, tais como estudos clássicos (coleção Eudoro de Sousa), Organização de Acervo Especial (OAE), arte, dentre outras;
- O setor de processamento técnico, é o responsável pelas ações de catalogação, classificação, indexação
- O setor de seleção responsabiliza-se pela escolha de novas obras, seleção entre duplicatas e o desabastecimento de materiais;
- O setor de obras raras trata-se do ambiente responsável pelas obras com valor histórico, cultural e artístico diferenciados, pertencentes à instituição;
- OGID é o responsável pelo gerenciamento dos ambientes digitais, como bibliotecas digitais e repositórios institucionais, pertencentes da BCE/UnB.

4.2.1 Setores da BCE/UnB: processamento técnico e GID

O setor de processamento técnico adotou o *software Pergamum* para disponibilizar materiais para os usuários, entre servidores, docentes e discentes. O *Pergamum* trata-se de um sistema automatizado, também denominado como um SAB, ou seja, “[...] sistema de base de dados com uma finalidade específica, projetados para controlar as atividades essenciais de uma biblioteca” (LIMA, 1999, p. 311).

Para a descrição de materiais como livros, o processamento técnico utiliza o código AACR2, em seu terceiro nível, e a CDU datada de 1971. Em algumas classes, como a informática, foi necessário atualizar o sistema da CDU devido ao desenvolvimento da área. Este setor não possui um vocabulário controlado para a

indexação, porém utilizam apenas termos controlados, e os importam da rede *Pergamum* ou de bibliotecas consagradas como a LCC.

O setor de processamento técnico trabalha apenas com materiais físicos. Com isso, o GID utiliza os dados do setor supracitado para o tratamento dos materiais, como ocorrem com as teses e dissertações. O processamento técnico é responsável também pela descrição de obras da biblioteca do Hospital Universitário de Brasília (HUB), além das bibliotecas localizadas nos campus da Ceilândia, do Gama e de Planaltina, cidades satélites do Distrito Federal (DF). Por sua vez, o GDI gerencia os ambientes digitais da BCE/UnB, a saber:

- Repositório Institucional (RIUnB), onde ficam armazenados a produção científica de docentes e discentes de mestrado e doutorado, tais como artigos, livros, capítulos de livros, trabalhos publicados em anais de eventos, teses e dissertações;
- Biblioteca Digital de Monografias (BDM), ambiente onde ficam armazenadas as monografias dos alunos de graduação e especialização;
- Biblioteca Digital e Sonora (BDS), que destina-se a deficientes visuais, disponibilizando textos adaptados nos formatos digitais *HyperText Markup Language* (HTML), *Portable Document Format* (PDF), documento (DOC) do *Microsoft Word* e *Moving Picture Experts* (MP3);
- Portal de Periódicos Acadêmicos da UnB, que utiliza o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), com a finalidade de reunir todos os periódicos editados na UnB, além de fornecer suporte e treinamento para a criação de revistas;
- Sistema *Online* de Acompanhamento de Conferências (SOAC), que trata-se de um *software* mantido e atualizado pelo Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT) para criar conferências, normalmente de cunho acadêmico;
- Repositório de Objetos Digitais de Aprendizagem (RODA), iniciativa que reúne e disponibiliza na *Web* todo o material didático produzido pela UnB. Os seus objetivos são:

- Armazenar, preservar, divulgar e garantir acesso à produção de objetos educacionais da Universidade de Brasília;
- Apoiar o processo de ensino/aprendizagem por meio do uso de tecnologias;
- Incentivar o uso de práticas pedagógicas inovadoras em diferentes níveis de ensino;
- Favorecer a integração das práticas pedagógicas do ensino presencial e a distância;
- Facilitar o compartilhamento de recursos de aprendizagem e a colaboração entre docentes, discentes e pesquisadores. (RODA, 2014)

Os dois setores, GID e processamento técnico, foram escolhidos devido ao fato de ambos atuarem na organização (da informação) dos materiais bibliográficos pertencentes a BCE. Contudo se fez necessário, além de selecionar os ambientes supracitados, aplicar um questionário semiestruturado junto aos seus funcionários (bibliotecários), afim de que apresentassem respostas, vislumbres e panoramas sobre o conhecimento e uso dos sistemas de organização da informação em suas atividades pessoais e profissionais.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

A etapa de análise dos dados responde perguntas acerca do tema *organização temática da informação*, direcionados aos campos de pesquisa processamento técnico e GID, situados na BCE/UnB. Para Oliveira (2001), esta etapa compreende o núcleo central da pesquisa e Nascimento (2002, p. 134) complementa afirmando que “nesta fase da [...] pesquisa necessita confrontar sua base teórica com os dados obtidos”. Assim, a análise e interpretação dos dados, conforme a sequência do questionário, foram divididos em duas fases:

1. Apresentação dos dados referentes às informações sobre os pesquisados (tabelas 1-3);
2. Apresentação dos dados referentes às informações sobre a relação dos pesquisados com a organização temática da informação.

5.1 IDENTIFICAÇÃO DOS PESQUISADOS

As variáveis relacionadas a caracterização dos pesquisados foram a identificação do cargo, o setor de trabalho e o tempo que ocupa no referido cargo. Em relação ao cargo ocupado, a maioria destina-se a bibliotecários conforme demonstra a **tabela 1**, devido ao fato de normalmente os setores das instituições possuírem uma maior quantidade de funcionários do que estagiários.

Tabela 1– Cargo

Cargo	Valor absoluto	Valor percentual (%)
Bibliotecário	14	87,50%
Estagiário	02	12,50%
Total	16	100%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2014.

O número de entrevistados foi maior no setor de processamento técnico, como mostra a **tabela 2**. Isso pode ter ocorrido devido à instituição possuir maior quantidade de entradas de obras físicas, materiais que compõem consideravelmente a maior parte do acervo da BCE. Também deve-se ressaltar que o GID aproveita alguns dados já extraídos pelo setor supracitado e apenas os convertem conforme as exigências de descrição dos recursos de *software* utilizados.

Tabela 2 – Setor de trabalho

Setor	Valor absoluto	Valor percentual (%)
Processamento técnico	10	62,50%
GID	06	37,50%
Total	16	100%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2014.

A maioria dos entrevistados ocupam o cargo a menos de dois anos, conforme podemos visualizar na **tabela 3**. Tal informação deve-se também ao fato da presença dos estagiários na pesquisa, aos quais podem permanecer no máximo dois anos na Instituição, como também pela realização do último concurso para bibliotecários em 2013.

Tabela 3– Tempo no cargo

Tempo	Valor absoluto	Valor percentual (%)
Até 2 anos	08	50,00%
De 5 a 10 anos	05	31,25%
De 2 a 5 anos	02	12,50%
Mais de 10 anos	01	06,25%
Total	16	100%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2014.

Após identificarmos o perfil dos entrevistados quanto a identificação dos seus cargos, os setores de trabalho e o tempo que ocupam nos cargos informados, podemos melhor inferir sobre as perguntas direcionadas aos pesquisados à organização temática da informação em suas atividades pessoais e profissionais.

5.2 RELAÇÃO DOS PESQUISADOS COM A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA DA INFORMAÇÃO

Nesta etapa apresentamos os dados obtidos por meio dos pesquisados já identificados na seção 5.1. Conforme demonstra a **tabela 4** a maioria dos entrevistados afirmou utilizar a CDU em suas atividades pessoais, resultado este já esperado, pois o sistema de classificação em questão é o instrumento utilizado oficialmente pela Biblioteca Nacional (BN), responsável pelo primeiro grupo de estudos para este sistema e, conseqüentemente, responsável pela produção da primeira versão traduzida para o português. Por outro lado, o menor índice de utilização foi a CDD, provavelmente pela iniciativa mínima de uso no país, diferentemente do sistema anteriormente citado. No que se refere ao ambiente digital,

a folksonomia foi mais citada do que a taxonomia, ainda no âmbito das atividades pessoais, o que demonstra que os bibliotecários da BCE estão utilizando ferramentas da *Web 2.0*, entre os quais destacamos *Facebook*²⁵, *Twitter*²⁶ e *Youtube*²⁷, recursos oferecidos pela BCE. Em contrapartida, os pesquisados possivelmente tenham dificuldades em encontrar termos nos ambientes organizados pela taxonomia, tanto por vezes não falarem a mesma língua do usuário, como também pela demora na atualização da estrutura rígida em análise, fato corriqueiro e de reflexo da *Web 1.0*. Outro sistema mencionado pelos profissionais pesquisados, em suas atividades pessoais, foi o cabeçalho de assunto, o qual faz o controle semântico dos termos para a representação de um determinado assunto.

Tabela 4– Formas de organização em atividades pessoais

Formas de organização	Valor absoluto	Valor percentual (%)
CDU	11	68,75%
Folksonomia	08	50,00%
Taxonomia	05	31,25%
CDD	03	18,75%
Classificação Facetada	01	06,25%
Outros(s)	01	06,25%
Total	16	100%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2014.

Conforme demonstra a **tabela 5**, todos afirmaram utilizar a CDU em suas atividades profissionais. Isto deve-se ao fato da BCE empregar o SOC em questão na organização do seu acervo físico, provavelmente por fatores como a CDU ser um sistema mais geral do que a CDD, que melhor se aplica as características socioculturais do país e pelos pontos históricos elencados na questão anterior. Na vertente digital, a taxonomia e a folksonomia estão bem apresentadas quantitativamente, especialmente esta última, demonstrando o rápido crescimento de sua aplicação em contrapartida ao modelo mais rígido, sistema utilizado há muitos anos pela humanidade para o arranjo do conhecimento e característico da primeira versão da *Web*. Outra forma listada pelos profissionais pesquisados foi o Sistema de Classificação da Biblioteca do Congresso dos EUA, resultado provavelmente justificado pelo fato da Instituição pesquisada utilizar o vocabulário controlado do sistema supracitado, modelo para indexar seus materiais.

²⁵ Site: <https://www.facebook.com/unb.bce?fref=ts>

²⁶ Site: <https://twitter.com/bceunb>

²⁷ Site: <https://www.youtube.com/user/BCEUnB>

Tabela 5– Formas de organização em atividades profissionais

Formas de organização	Valor absoluto	Valor percentual (%)
CDU	16	100%
CDD	03	18,75%
Classificação Facetada	03	18,75%
Taxonomia	03	18,75%
Folksonomia	03	18,75%
Outro(s)	01	06,25%
Total	16	100%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2014.

Relacionado ao conhecimento dos usuários sobre a taxonomia, conforme podemos observar na **tabela 6**, nenhum pesquisado avaliou-se como “muito bom” conhecedor do sistema, bem como não houve incidência dos que “não possuem” conhecimento sobre este SOC. A maioria afirmou possuir “pouco” conhecimento sobre esta forma de organização, que é utilizada em ambientes digitais da BCE.

Complementando a questão, os pesquisados que avaliaram o seu conhecimento como “muito bom”, “bom” ou “moderado” conceituam taxonomia da seguinte forma: os que avaliaram possuir “bom” conhecimento ou “moderado” afirmaram ser uma forma de organização na Internet, utilizada desde a idade média pelos filósofos para a organização do conhecimento. Porém outros entrevistados expressaram melhor o conceito de tal sistema, principalmente ao defenderem que a taxonomia é uma lista de termos pré-definidos para a organização da informação. A partir dos valores coletados e conceitos interpretados, verificamos um nível de conhecimento superficial sobre a taxonomia, resultado que deveria ser inverso, pois é um sistema utilizado basicamente em todos os ambientes digitais pertencentes/oferecidos pela BCE.

Tabela 6– Conhecimento sobre a taxonomia

Conhecimento ²⁸	Valor absoluto	Valor percentual (%)
Pouco	09	56,25%
Bom	04	25,00%
Moderado	03	18,75%
Total	16	100%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2014.

²⁸ As opções “Muito bom” e “Não possui conhecimento” não foram citadas.

Relacionado ao conhecimento dos pesquisados sobre a folksonomia (**tabela 7**), nenhum avaliou-se como “muito bom” conhecedor do sistema e apenas um entrevistado relatou “não possuir” conhecimento sobre a folksonomia. A maioria afirmou possuir “pouco” conhecimento sobre esta forma de organização oriunda da *Web 2.0*, a qual não é adotada em ambientes digitais da BCE, e a parcela menor dos pesquisados (minoridade) afirmou possuir “bom conhecimento” ou “moderado”.

Seguindo a mesma lógica da questão anterior, os pesquisados que avaliaram o seu conhecimento como “muito bom”, “bom” ou “moderado” conceituam folksonomia da seguinte maneira: forma de organização na Internet realizada pelo usuário e constituída a partir da linguagem natural. Conforme o conceito generalizado anteriormente apresentado, consideramos que os pesquisados que discorreram sobre a folksonomia a relataram de maneira correta. Além disso podemos notar um nível de conhecimento aceitável, mesmo a folksonomia ser um modelo de representação e organização da informação mais recente do que a taxonomia. Provavelmente o resultado reflete-se aos atuais serviços interativos e de compartilhamento oferecidos na *Web*, marcados pela flexibilidade, identificação de padrões e colaboração.

Tabela 7– Conhecimento sobre a folksonomia

Conhecimento²⁹	Valor absoluto	Valor percentual (%)
Pouco	09	56,25%
Bom	03	18,75%
Moderado	03	18,75%
Não possuo conhecimento	01	06,25%
Total	16	100%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2014.

No que cerne a utilização da folksonomia em ambientes digitais da BCE, apenas um entrevistado afirmou que não é vantajoso aplicar tal sistema na Instituição. Devido a este número, verificamos que os entrevistados conhecem e compreendem que a aplicação da folksonomia na BCE traria vantagens a partir das seguintes respostas selecionadas: uma indexação mais precisa; facilitar o acesso aos documentos disponibilizados; maior atualização dos termos utilizados na ciência moderna; a verificação de termos não cadastrados; um meio de avaliação de estatísticas de uso de determinado material; a linguagem mais próxima do usuário; e expandiria o ponto de acesso ao catálogo.

²⁹ A opção “Muito bom” não foi citada.

Certamente seria vantajoso a adoção da folksonomia complementando as demais formas de organização já existentes, devido a fatores como flexibilidade, linguajar do usuário, colaboração, compartilhamento entre outros, assim como defendem Kato, Silva (2010) e Da Silva (2010). A adoção da forma de organização da informação característico da *Web 1.0*, a taxonomia, foi descrita pela a maioria dos usuários informando que é o modelo utilizado em ambientes digitais, associando aos espaços vinculados à biblioteca como bibliotecas digitais, catálogo *on-line* de bibliotecas, repositórios institucionais entre outros. Por sua vez, ao citarem ambientes digitais que utilizam a folksonomia, a assimilação da maioria foi principalmente relacionada as redes sociais, *blogs*, *Youtube*, *e-commerce*, *Wikipédia* entre outros.

Ao citarem espaços que fazem uso e adotam formas de organização da informação diferentes da taxonomia e folksonomia, apenas 6,25% dos entrevistados alegaram utilizar o vocabulário controlado de autor, sem especificar o nome do mesmo, como outra forma de organização. Já a maioria, 93,75% dos questionados, afirmaram desconhecer ou não saber de outras formas de organização, diferentemente da taxonomia e folksonomia aplicadas a ambientes digitais.

Quanto à questão que investiga a predileção entre as formas de organização da informação em suas atividades pessoais, a maioria dos usuários optaram pela folksonomia e justificaram esta escolha devido a liberdade que a mesma proporciona. Já o restante dos pesquisados escolheu a taxonomia como forma de organização da informação em suas atividades pessoais, e fundamentaram sua escolha ao afirmarem que acham tal sistema mais organizado que a folksonomia, devido a sua rigidez. Mesmo com o rigor do sistema, os pesquisados complementaram que a taxonomia é mais flexível do que linguagens tradicionais como a CDU. Notamos que os entrevistados estão utilizando cada vez mais, mesmo que seja em suas atividades pessoais, formas flexíveis, dinâmicas e atuais de organizar a informação. Este fator pode significar uma espécie de *primeiro passo* para a inserção do SOC em questão em suas atividades profissionais.

A maior parte dos usuários, equivalente a 56,25%, listou a CDU como sua predileção das formas de organização da informação para aplicação em atividades profissionais, justificando a escolha pelo fato do supracitado sistema ser uma linguagem universal e que permite síntese, ou seja, pode construir números compostos para indicar assuntos inter-relacionados, além de englobar todas as áreas do conhecimento. A outra parte, relativa a 12,5%, preferiu a taxonomia, sistema

aplicado atualmente nos ambientes digitais gerenciados na BCE, especificamente pelo GID. Uma outra opção, para 12,5%, é o uso simultâneo de outras formas de organização da informação, como a taxonomia e folksonomia, onde a escolha dependeria da Instituição, de seus objetivos e usuários. Já 18,75% não responderam esta pergunta. Sendo assim, percebemos, baseado nos dados coletados, que os entrevistados possuem maior confiabilidade nos sistemas de organização já consagrados, como a CDU, devido a sua utilização em ambientes tradicionais como as bibliotecas físicas. Vislumbramos que o uso simultâneo das formas seria a melhor opção, pois cada forma de organização se complementaria, devido a cada uma possuir diferentes potencialidades, ou seja, sistemas que utilizem a taxonomia e folksonomia de forma concomitante para organizar a informação, proposta defendida por Kato, Silva (2010), Da Silva (2010), como também o próprio Da Silva e Miranda (2013).

Foi dividida a opinião dos entrevistados sobre a BCE empregar outro modelo de organização da informação que não utiliza atualmente em seus produtos e serviços. A metade dos entrevistados, correspondendo a 50%, foi a favor, principalmente relacionando a aplicabilidade em bibliotecas digitais, alegando que a adoção traria benefícios aos usuários. Já a outra metade foi contra, alegando que a atual forma de organização está atendendo satisfatoriamente necessidades dos usuários. Notamos que a BCE consegue localizar o conteúdo que os seus usuários necessitam a partir das formas de organização utilizadas atualmente, porém isso não a impediria de estudar a implementação de sistemas atuais, para serem utilizadas concomitantemente com as já existentes. Neste sentido, Da Silva e Miranda (2013, p. 4) afirmam que “agora o uso difundido da tecnologia a serviço da informação transpõe barreiras físicas e institucionais”.

Por fim, ao citarem ambientes que utilizam a folksonomia e que serviriam de inspiração para sua implementação nos serviços e produtos oferecidos pela BCE, os pesquisados listaram sites de *e-commerce*, como o Submarino e Livraria Cultura, redes sociais, *blogs* e *Wikipédia*, aos quais poderiam ser adaptados para o uso de termos defasados atualmente utilizados pela biblioteca, como também facilitaria a opção do próprio autor em depositar o seu trabalho em ambientes digitais ofertados pela Instituição.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho foram abordadas diversas formas de organização da informação, desde físicas até digitais, na vertente temática de representação. Observamos que a classificação, ação cerne do nosso trabalho, é atuante aos profissionais da informação, conforme elencamos diversos sistemas de classificação (filosóficos e bibliográficos), juntamente com a taxonomia e a folksonomia. Neste levantamento teórico, percebemos que algumas formas quando utilizadas concomitantemente, como a CDU, taxonomia e folksonomia, podem facilitar o trabalho do profissional da informação, além de potencializar cada modelo.

Como observado, as formas de organização mais utilizadas pelos bibliotecários da BCE/UnB, em suas atividades profissionais, é a CDU para ambientes físicos e a taxonomia para ambientes digitais. Percebemos que estes profissionais utilizam formas de organização flexíveis apenas em atividades pessoais, resultado contrário a predileção no ambiente profissional, dificultando uma possível previsão (tendência) de adoção da mesma pela Instituição.

A maioria dos entrevistados alegou pouco conhecimento sobre a taxonomia e folksonomia, fato provavelmente ocorrido devido à falta de incentivo, estudo e implementação destes nos produtos e serviços ofertados pela Instituição. Apenas 25% dos pesquisados alegou possuir “bom” conhecimento em taxonomia e 18,75% como moderado. Ao conceituarem-na, relacionaram principalmente a hierarquia e a termos previamente definidos. Já na folksonomia, 18,75% dos profissionais avaliaram-se como “bom” conhecedor, mesma quantidade apresentada para a opção “moderado”. Estes pesquisados associaram a folksonomia à linguagem natural e a compreendem como uma forma livre de indexação.

Ao decorrer da pesquisa, percebemos que alguns entrevistados assemelharam o seu ambiente de trabalho com a forma de organização da *Web 1.0*, ou seja, a taxonomia. Tal fato deve ter ocorrido pelo fato dos entrevistados possuírem uma concepção intrínseca de que a biblioteca é um ambiente que apenas organiza e disponibiliza informações, com a mínima, ou nenhuma, participação dos usuários. Por outro lado, concordamos com outros funcionários quando afirmaram que será uma tendência cada vez maior o uso de ferramentas da *Web 2.0* pelas bibliotecas, como já ocorrem nas livrarias no *e-commerce*, aproveitamento da inteligência coletiva.

Devido a maioria possuir predileção pela folksonomia em ambientes digitais para atividades pessoais, seja pela liberdade/flexibilidade que a mesma proporciona aos usuários ou por seus termos serem atualizados constantemente pela coletividade social, os entrevistados apresentaram um panorama de respostas que nos permitiu inferir que a aplicação do sistema em questão facilitaria no auto arquivamento pelos autores da Instituição, bem como auxiliaria na identificação de novos termos utilizados pelos próprios usuários, características comuns em ambientes como as livrarias digitais, redes sociais, *blogs* e *Wikipédia*.

Consideramos também que as listas de termos, classificação e categoria são utilizadas pelos bibliotecários que participaram da pesquisa, como também lecionadas na academia para alunos de graduação no curso de biblioteconomia. Já as listas de relacionamento, aos poucos, estão sendo cada vez mais usadas em ambientes digitais, porém ainda pouco exploradas por profissionais da informação, sendo os tesouros os mais conhecidos em estudos e aplicações pelos bibliotecários.

A dificuldade pertinente de ser relatada neste trabalho foi o fechamento da BCE/UnB devido a paralisação de seus servidores, fator que atrasou a realização da análise conforme cronograma pré-estabelecido. Mesmo como esta dificuldade, os bibliotecários foram muito prestativos, procurando responder o questionário no dia aplicado com a máxima atenção, especialmente pelo possível novo fechamento temporário da biblioteca no dia seguinte.

Ampliando o campo de atuação, os bibliotecários poderiam analisar as *tags* mais acessadas/digitadas/utilizadas pelos usuários em seus sistemas para uma possível inclusão de termos na taxonomia ou vocabulário controlado, por exemplo, com fins de resultados de busca mais relevantes/atrativos. Neste sentido, concluímos que a BCE/UnB utiliza formas já consagradas para ordenar seus materiais, como a CDU e a taxonomia, porém acreditamos que seria viável a adoção da folksonomia como auxílio das demais formas de organização já implementadas.

Esperamos que este trabalho sirva de amparo para os novos pesquisadores que irão abordar a organização temática da informação em suas pesquisas, especialmente no atual ambiente dinâmico e intuitivo da *Web*, como também servir de auxílio para a tomada de decisão, dos gestores da BCE, sobre uma possível adoção de formas de organização da informação relatadas neste trabalho, especialmente a folksonomia.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F. L. de; KOBASHI, N. Y. Organização e representação do conhecimento: perspectivas de interlocução interdisciplinar entre ciência da informação e arquivologia. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 16, Santa Catarina, 2013. **Anais...** Santa Catarina: ENANCIB, 2013. Disponível em: <<http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/155/147>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

ALBURQUERQUE, A. C. **Catálogo de descrição de documentos fotográficos em bibliotecas e arquivos:** uma aproximação comparativa dos códigos AACR2 e ISAD (G). 2006. 188 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006. Cap. 22. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/albuquerque_ac_me_mar.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2014.

ALVARES, L. **Classificação.** 2011. Material didático. Disponível em: <<http://lillian.alvarestech.com/Fundamentos/Modulo2/Aula21Classificacao.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

ALVES, J. C. **A organização e representação da informação na biblioteca digital de teses e dissertações da universidade do estado de Santa Catarina - UDESC:** uma análise focada em metadados sob a luz do padrão MTD-BR. 2009. 161f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico.** 2010. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

AQUINO, M. C. Hipertexto 2.0, folksonomia e memória coletiva: um estudo das tags na organização da web. **E-Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-18, 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/165/166>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

ARAUJO, C. A. Á. Fundamentos teóricos da classificação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 22, p. 117-140, 2006. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000004147&dd1=c03c9>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

ARAÚJO, H. C. B. et al. Linguagens de indexação: uso das linguagens presentes na prática da indexação. In: Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação, v.14, 2011, Maranhão. **Anais**. Maranhão: UFMA, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/1/6176/1/2011_Nadia.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2014.

ASSIS, J.; MOURA, M. A. Folksonomia: a linguagem das tags. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 18, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p85/24523>>. Acesso em: 13 out. 2013.

BAPTISTA, R.; RUEDA, D.; SANTOS, N. B. **A biblioteca universitária no contexto das avaliações do MEC**: uma reflexão. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/3274.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2013.

BENINE, F.; ZANAGA, M. P. Organização da informação em portais de bibliotecas universitárias. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.14, n.2, p. 451-467, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/viewArticle/672>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

BERNERS-LEE, T. **Weaving the Web**. San Francisco: Harper, 1999.

BERNERS-LEE, T; LASSILA, O.; HENDLER, J. The semantic Web. **Scientific American**, maio, 2001. Disponível em:<<http://www.scientificamerican.com/article/the-semantic-web/>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Sobre a BCE**. Brasília: UnB, 2014. Disponível em: <<http://www.bce.unb.br/sobre-a-bce/>>. Acesso em: 03 abr. 2014.

BLATTMAN, U.; SILVA, F. C. C. Colaboração e interação na Web 2.0 e biblioteca 2.0 **Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n. 2, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/530>>. Acesso em: 03 abr. 2014.

BOCCATO, V.R.C. A linguagem documentária vista pelo conteúdo, forma e uso na perspectiva de catalogadores e usuários. In: FUJITA, M.S.L. (Org.). **A indexação de livros**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p.119-135. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/wcvbc/pdf/boccatto-9788579830150-08.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

_____. Os sistemas de organização do conhecimento pelas perspectivas atuais das normas internacionais de construção. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 165-192, 2011. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42340>>. Acesso em: 29 mar. 2014.

BRANDT, M. B.; BRASCHER, M. Folksonomia: esquema de representação do conhecimento. **Transinformação**, Campinas, v.22, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/489/469>>. Acesso em: 29 mar. 2014.

BRASCHER, M.; CAFE, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: LARA, Marilda L.G.; SMIT, J. (Org.). **Temas de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/USP, 2008. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/1835.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2014

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Rádio. In: **Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: SECOM, 2014. Capítulo 2. Disponível em:<<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

_____. **Lei Nº 10.861, de 14 de abril de 2004**. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES – e dá outras Providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 72, seção 1, p. 03-04, 15 abr. 2004. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/Lei/L10.861.htm>. Acesso em: 24 set. 2009.

BRENNER, E. M. **Manual de planejamento e apresentação de trabalhos acadêmicos**: projeto de pesquisa, monografia e artigo. São Paulo: Atlas, 2007.

CAFÉ, L.; SALES, R. Organização da informação: Conceitos básicos e breve fundamentação teórica. In: ROBREDO, J.; MEDEIROS, M. B. B. (Org.). **Passesios no Bosque da Informação: Estudos sobre Representação e Organização da Informação e do Conhecimento**. Brasília: IBICT, 2010. Edição eletrônica. Disponível em: <<http://www.ibict.br/publicacoes/eroic.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

CAMPELLO, B.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CAMPOS, M. L. A. **Linguagem Documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: EdUFF, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgci/editais/linguagem.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2014.

CAMPOS, M. L. A. **A organização de unidades do conhecimento em hiperdocumentos**: o modelo conceitual como um espaço comunicacional para realização da autoria. 2001a. 190f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - CNPq/IBICT-URFJ/ECO, Rio de Janeiro, 2001.

CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E. Taxonomia e Classificação: o princípio de categorização. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, 2008b. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago08/Art_01.htm>. Acesso em: 29 out. 2013.

CARLAN, E. **Sistemas de Organização do Conhecimento**: uma reflexão no contexto da Ciência da Informação. 2010. 195f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/14519/1/Carlan-Eliana-Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

_____; BRASCHER, M. Sistemas de Organização do Conhecimento na visão da Ciência da Informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 4, p. 53-73, 2011. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/RICI/article/view/6209/5102>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

CAVALCANTE, R. S. **Critérios para a avaliação de taxonomias navegacionais em sítios de comércio eletrônico**. 2012. 88f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2012.

CICON, C. R.; LUNARDELLI, R. S. A. A organização da informação na web: um estudo do portal do PROCON-PR. **Informações Profissões**, Londrina, v. 1, n. 1/2, p. 132-151, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/14592/12260>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

CONWAY, S.; SLIGAR, C. Building Taxonomy. In: **Unlocking Knowledge Assets**. Washington, Microsoft Press, 2002.

CORMODE, G.; KRISHNAMURTHY, B. Key differences between Web 1.0 and Web 2.0. **First Monday**, v. 13, n. 6, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.uic.edu/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/2125/1972>>. Acesso em: 05 set. 2013.

COSTA, A. F. Classificações sociais. **Leitura**. Lisboa, v. 3, n. 2, p. 65-75, out. 1997/abr. 1998.

CRUZ, A. A. A. C. et al. Impacto dos periódicos eletrônicos em bibliotecas universitárias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n.2, p. 47-53, ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n2/17032.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2014.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos. 2008.

DA SILVA, M. B. A aplicação da folksonomia em sistemas de informação. In: IV Encontro Brasileiro de arquitetura da Informação - EBAI, São Paulo, 12-13 de novembro, 2010. **Anais...** São Paulo: 2010. Disponível em: <http://www.congressoebai.org/wp-content/uploads/ebai10/EBAI10_artigo10.pdf>. Acesso em: 13 out. 2013.

DA SILVA, M. B. **A teoria da classificação facetada na modelagem de dados em bancos de dados computacionais**. 2011. 168f. Dissertação (Mestrado) – Centro de ciências sociais aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, 2011. Disponível em: <<http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/131/1/MBS01022013.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

_____; MIRANDA, Z. D. de. Estudo sobre a adoção da folksonomia em sistemas de informação: uma proposta de hibridismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-18. Disponível em: <<http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/445/140>>. Acesso em: 03 abr. 2014.

DIAS, E. W. Organização do conhecimento no contexto de bibliotecas tradicionais e digitais. In: NAVES, Madalena Martins Lopes, KURAMOTO, Hélio (Orgs.). **Organização da informação: princípios e tendências**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. p. 62-75.

DZIEKANIAK, G. V.; KIRINUS, J. B. Web semântica. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 18, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p20>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

_____; ROVER, A. Sociedade do Conhecimento: características, demandas e requisitos. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 12, 2011. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out11/Art_01.htm#Autor>. Acesso em: 21 jun. 2014.

FEITOSA, A. **Organização da informação na Web: das tags à web semântica**. Brasília: Thesaurus, 2006.

FIGUEIREDO, N. M. **Serviços, referências e informação**. São Paulo: Polis, 1992.

FICHTER, D. Intranet Applications for Tagging and Folksonomies. **Online**, v. 30, n. 3, p. 43-45. Disponível em:<http://www.jasonmorrison.net/iakm/cited/Fitcher_intyranet_applications_tagging_folksonomies.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2014.

FUJITA, M. S. L. Aspectos evolutivos das bibliotecas universitárias em ambiente digital na perspectiva da rede de bibliotecas da UNESP. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 15, n.2, p. 1-10, 2005. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/33>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

HODGE, G. **Systems of Knowledge Organization for Digital Libraries: beyond traditional authorities files**. Washington, DC. 2000. Disponível em: <<http://www.clir.org/pubs/reports/pub91/pub91.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2014.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LARA, M. L. G. Linguagem documentária e terminologia. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n.3, p. 231-240, 2004. Disponível em:<<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000394&dd1=c13f1>>. Acesso em: 31 fev. 2014.

LAROUSSE. **Mini Larousse dicionário de língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Larouse do Brasil, 2008.

LENTINO, N. **Guia teórico, prático e comparado dos sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígno, 1971.

LIMA, G. A. B. **Mapa Hipertextual (MHTX): um modelo para organização hipertextual de documentos**. 2004, 199f. Tese (doutorado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2004. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LHLS-6BUPG9>>. Acesso em: 31 fev. 2014.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. In: ALVARES, Lilian (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores, 2012, p.21-48.

MACHADO, M. **A biblioteca universitária e sua relação com o projeto pedagógico de um curso de graduação**. 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92197/273668.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

MANESS, J. M. Teoria da Biblioteca 2.0: Web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. Traduzido por Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento e Gustavo Henrique do Nascimento Neto. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 17, n. 1, 2007. Disponível em:<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/831>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

MELO, M. P.; NEVES, D. A. B. A importância da Biblioteca infantil. **Biblionline**, n.1-2, p. 1-8, 2005. Disponível em: <www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/584/422> Acesso em: 08 jun. 2014.

MIRANDA, M. L. C. **Organização e representação do conhecimento: fundamentos teórico-metodológico na busca e recuperação da informação em ambientes virtuais**. 2005, 353f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Curso de Pós Graduação em Ciência da Informação - Convênio CNPQ/IBICT - UFRJ/ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MITCHELL, W. J. Lugares, arquiteturas e memórias. In: CASALEGNO, F. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação da era das redes**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**: Projetos de Pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses. São Paulo: Pioneira, 2001.

O'REILLY, T. **Whats Web 2.0**. O'Reilly Media, Inc. 2005.

Disponível em: <<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

PEREIRA; K. C. C. F. **Das linguagens documentárias tradicionais às linguagens documentárias atuais**: uma revisão de literatura. 63f. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em biblioteconomia) – UNIFOR MG, 2013. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.unifor.br:21015/jspui/bitstream/123456789/211/1/KARLA%20--TCC.pdf>>. Acesso em 12 mar. 2014.

PEREIRA et al. Classificação bibliográfica: as diversas contribuições para o tratamento da informação. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, 15, 2013, Rio Grande do Norte. **Anais...** Rio Grande do Norte: UFRN, 2013. Disponível em:

<[http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/1/6173/1/\(Classifica%C3%A7%C3%A3o%20bibliogr%C3%A1fica\).pdf](http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/1/6173/1/(Classifica%C3%A7%C3%A3o%20bibliogr%C3%A1fica).pdf)>. Acesso em: 08 jul. 2014.

PINHEIRO, M. I. S.; SACHETTI, V. F. P. Classificação em cores: uma alternativa para bibliotecas infantis. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR ESPAÇO DE AÇÃO PEDAGÓGICA, 3, 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/319.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2014.

PIEIDADE, M. **Introdução a teoria da classificação**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na *Web 2.0*. **E- Compós** (Brasília), v. 9, 2007.

RAMALHO, R. A. S.; VIDOTTI, S. A. B. G.; FUJITA, M. S. L. Web semântica: uma investigação sob o olhar da Ciência da Informação. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 6, 2007. Disponível em:

<http://www.dgz.org.br/dez07/Art_04.htm>. Acesso em: 07 jun. 2014.

RODRIGO, D.; NUNO, F. (Org.). **Larousse dicionário de língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

RUFINO, F. M. R.; JESUS, J. R.; DA SILVA, M. B. A *Web 2.0* em bibliotecas: vertentes de estudo. In: III Seminário de Informação em Arte, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2013.

RUTHES, E. R. **Análise da qualidade de metadados em um sistema integrado de Bibliotecas Digitais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Informática) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/32518/R%20-%20D%20-%20EDUARDO%20DA%20ROCHA%20RUTHES.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 07 jun. 2014.

SANTOS JÚNIOR, M.; SANTOS, N. S.; SANTOS, F. B. dos. Impacto das tecnologias da Web 2.0 na gestão estratégica da biblioteca universitária: um estudo exploratório na Biblioteca Central da UFS. In: Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação – EREBD, 17, 2014, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014. Disponível em: <<http://www.erebdfortaleza2014.ufc.br/qt/GT2/IMPACTO%20DAS%20TECNOLOGIA%20DA%20WEB%202.0%20NA%20GEST%C3%83O%20ESTRAT%C3%89GICA%20DA%20BIBLIOTECA%20UNIVERSIT%C3%81RIA.%20UM%20ESTUDO%20EXPLORAT%C3%93RIO%20NA%20BIBLIOTECA%20CENTRAL%20DA%20UFS.pdf>> Acesso em: 12 mai. 2014.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>>. Acesso em: 03 mar. 2014

SALES, L. F.; MOTTA, D. F. **Base teórica da Ciência da Informação para a construção de taxonomias consistentes**. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/memo_info/mi_2010/FCRB_MI_Construcao_de_taxonomias_consistentes.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2014

SCHREINER, H. B. Considerações históricas acerca do valor das classificações bibliográficas. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1, 1976, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT, 1979. p.190-207. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/schreiner/index.htm>>. Acesso em: 09 jun. 2014.

SILVA, E. L. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, F. C. C.; BLATTMAN, U. A colaboração e a interação na Web 2.0. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECOLOGIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, Brasília, 2007. **Anais...** Brasília: CBBB, 2007. Disponível em:

<http://www.academia.edu/3034278/A_COLABORACAO_EA_INTERACAO_NA_WEB_2.0>. Acesso em: 12 fev. 2014.

SILVA, G.; KATO, D. **Taxonomia e Folksonomia**. São Paulo: Terra Fórum, 2010. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/monitorfabci/taxonomia-e-folksonomia-conceitos-e-aplicaes>>. Acesso em: 16 out. 2013.

SOUZA, S. **CDU: como entender e utilizar a 2ª Edição Padrão Internacional em Língua Portuguesa**. 3 ed. rev. atual. Brasília: Thesaurus, 2012.

TAVARES, R. Construindo mapas conceituais. **Ciências & Cognição**, v. 4, n. 12, 2007. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

TERRA, J. C. C. et. al. **Taxonomia: elemento fundamental para a Gestão do Conhecimento**. Terra Fórum, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.terraforum.com.br/BibliotecaArtigo/libdoc00000102v003taxonomia_%20fundamental_GC.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2013.

TENNIS, J. T. Epistemology, theory and methodology in knowledge organization. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 35, n. 2/3, 2008. Disponível em: <http://faculty.washington.edu/jtennis/Publications_files/Tennis2008KOE pist.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2014.

VITAL, L. P.; CAFE, L. M. A. Proposta para o desenvolvimento de taxonomias em portais corporativos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, p. 42-54, 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/admin/Downloads/1162-4791-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

WORLD WIDE WEB CONSORTIUM. **W3C**. 2011. Disponível em: <<http://www.w3c.br/Padroes/WebSemantica>>. Acesso em 15 mai. 2014

APÊNDICE A

APENDICE – Questionário aplicado aos bibliotecários e estagiários do Setor de Processamento Técnico da Biblioteca Central (BCE), da Universidade de Brasília (UnB), no dia 27 de junho de 2014

Este questionário faz parte de uma pesquisa como parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Ciência da Informação (FCI), da UnB, sobre *as diversas formas de Organização da Informação adotadas na Instituição, na perspectiva temática*. Sua participação nesse processo é fundamental e confidencial. Desta forma, solicito que preencha o presente instrumento com a maior atenção possível.

1) Qual é o seu cargo na BCE da UnB?

Bibliotecário Estagiário

2) Qual é o seu setor de trabalho na BCE da UnB?

Resposta:

3) A quanto tempo você ocupa o cargo informada na BCE da UnB?

Até 2 anos De 2 a 5 anos De 5 a 10 anos Mais de 10 anos

4) Quais são as formas de organização da informação que você utiliza ou já utilizou em atividades pessoais?

Classificação Decimal de Dewey Classificação Decimal Universal

Classificação Facetada Taxonomia Folksonomia Outro(s)

4.1) Caso a sua resposta tenha sido “Outro(s)”, informe qual(is) seria(m):

Resposta:

5) Quais são as formas de organização da informação que você utiliza ou já utilizou em atividades profissionais?

Classificação Decimal de Dewey Classificação Decimal Universal

Classificação Facetada Taxonomia Folksonomia Outro(s)

5.1) Caso a sua resposta tenha sido “Outro(s)”, informe qual(is) seria(m):

Resposta:

6) Como você avalia o seu conhecimento sobre a Taxonomia (forma hierárquica de organização da informação na *Web*)?

Muito bom Bom Moderado Pouco Não possuo conhecimento

6.1) Caso a sua resposta tenha sido “Muito bom”, “Bom” ou “Moderado”, conceitue Taxonomia.

Resposta:

7) Como você avalia o seu conhecimento sobre a Folksonomia (forma livre de organização da informação na *Web*)?

Muito bom Bom Moderado Pouco Não possuo conhecimento

7.1) Caso a sua resposta tenha sido “Muito bom”, “Bom” ou “Moderado”, conceitue Folksonomia.

Resposta:

8) A partir do seu conhecimento sobre a Folksonomia, discorra sucintamente quais seriam as vantagens de utilização nos ambientes digitais oferecidos pela BCE da UnB?

Resposta:

9) Especificamente nos ambientes digitais, cite espaços que você faz uso e adotam a Taxonomia como forma de organização da informação?

Resposta:

10) Especificamente nos ambientes digitais, cite espaços que você faz uso e adotam a Folksonomia como forma de organização da informação?

Resposta:

11) Especificamente nos ambientes digitais, cite espaços que você faz uso e adotam formas de organização da informação diferentes da Taxonomia e da Folksonomia?

Resposta:

12) Qual é a sua predileção entre as formas de organização da informação em suas atividades pessoais, apresentadas no presente questionário?

Resposta:

12.1) Justifique a sua resposta.

Resposta:

13) Qual é a sua predileção entre a formas de organização da informação em suas atividades profissionais, apresentadas no presente questionário?

Resposta:

13.1) Justifique a sua resposta.

Resposta:

14) Na sua opinião, a BCE da UnB poderia utilizar outro modelo de organização da informação que não utiliza atualmente em seus produtos e serviços?

() Sim () Não

14.1) Justifique sua resposta.

Resposta:

15) Na sua opinião, especificamente sobre ambientes que fazem uso da Folksonomia, quais sites/serviços/recursos poderiam ser implementados e/ou adotados como inspiração para os serviços e produtos atualmente oferecidos pela BCE?

Resposta: